

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTU SENSU* EM
ESTUDOS LINGUÍSTICOS

EVANDRO SANTANA

A TRADUÇÃO DO GUIA TURÍSTICO: A CONVENCIONALIDADE
E AS MARCAS DO TRADUTOR

VITÓRIA

2014

EVANDRO SANTANA

**A TRADUÇÃO DO GUIA TURÍSTICO: A CONVENCIONALIDADE E AS
MARCAS DO TRADUTOR**

Dissertação apresentado para o Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profª Drª Lillian DePaula

Vitória

2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Santana, Evandro, 1977-

S232t A tradução do guia turístico : a convencionalidade e as marcas
do tradutor / Evandro Santana. – 2014. 104 f.

Orientador: Lillian Virgínia Franklin DePaula.

Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade
Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Tradução e interpretação. 2. Expressões idiomáticas. 3. Gêneros
textuais. I. DePaula, Lilian. II. Universidade Federal do Espírito Santo.
Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 80

EVANDRO SANTANA

**A TRADUÇÃO DO GUIA TURÍSTICO: A CONVENCIONALIDADE E AS
MARCAS DO TRADUTOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, na área de concentração em Estudos sobre o Texto e Discurso.

Aprovada em _____ de _____ de 2014.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª Drª Lillian Virginia Franklin DePaula
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora

Profª Drª Aurelia Leal Lima Lyrio
Universidade Federal do Espírito Santo

Profª Drª Celia Magalhães
Universidade Federal de Minas Gerais

Aos meus pais, Natalino Santana e Nailda Bermudes Pissarra. Cada conquista de minha vida se deve ao apoio que vocês sempre me deram, e cada conquista minha é também conquista de vocês.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pela dedicação, carinho e apoio que sempre me deram, e que me fizeram chegar até aqui.

À professora e orientadora Lillian DePaula, pelo apoio e pelo suporte que me deu na realização desse trabalho e também ao longo da minha vida acadêmica, ao acreditar no meu potencial desde a época da graduação. Posso dizer que o gosto pela pesquisa se deu desde àquela época com seu incentivo.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação com quem tive a oportunidade de estudar: Maria da Penha Pereira Lins, Virginia Beatriz Baesse Abrahão, Luciano Novaes Vidon e Ana Cristina Carmelino, por terem contribuído na minha formação enquanto linguista.

Aos meus colegas do PPGEL – pela amizade e companheirismo.

Por fim, à CAPES, pela bolsa de dois anos.

“Palavras são um brinquedo que não fica velho. Quanto mais as crianças usam palavras, mais elas se renovam.”

José Paulo Paes (1926-1998)

RESUMO

Um dos objetivos da atividade de tradução é fazer com que um determinado texto seja acessível para aqueles que falam uma língua diferente daquela em que ele foi originalmente escrito. De forma a fazer com que o texto traduzido cumpra esse papel, faz-se necessário, por parte do tradutor, observar questões relativas à sua elaboração. A questão do gênero textual, assim, é fundamental, uma vez que as escolhas feitas pelo tradutor são orientadas pelo entendimento dos objetivos sócio-comunicativos e da realização estilística do gênero traduzido. Dentre os problemas que podem ser observados no texto traduzido estão o não uso das expressões convencionais adequadas e o uso de expressões e palavras em contextos indevidos, não obedecendo ao uso convencional dessas. A não observância de certas convencionalidades deixa marcas no texto traduzido que sinalizam que este é uma tradução. Nesse trabalho, buscam-se os vestígios que o tradutor deixa por meio da leitura estereoscópica (análise de textos paralelos) das traduções realizadas pelo grupo de tradutores do Centro de Línguas para a Comunidade-Ufes para o quarto guia turístico da PROJETUR. A análise dispõe de três textos: uma versão original (em português), a primeira versão do texto original para a língua inglesa, e a versão entregue (em língua inglesa, revisada). Observa-se nessa análise o uso de vocabulário e de expressões idiomáticas e convencionais, aplicando-se também a Teoria da Relevância para verificar a adequação das escolhas realizadas pelo tradutor. As análises mostram que grande parte das questões encontradas nos textos analisados, sobretudo no texto traduzido da primeira versão, está relacionada com o fato de que as escolhas não atendem a questão da convencionalidade.

Palavras-Chave: Tradução – Gêneros Textuais – Expressões Idiomáticas e Convencionais – Estudo Descritivo

ABSTRACT

One of the objectives of the activity of translation is to make a certain text available to those who speak a language different from the one in which the original text was produced. So as to achieve the purpose of the translation task, it is essential that the translator give specific attention to issues related to text production. Text genre is, for instance, important, since the choices made by the translator are oriented by the understanding of the socio-communicative goals of the translated text. Among the problems that can be observed in translation, one notices that the non-use of appropriate lexical phrases and the misuse of words and expressions in certain contexts, reveal an inadequate use of conventionality. This misuse of expressions and words are often indications that show, or even prove, that the text is translated. In this study, our intention is to investigate the signs left by the translator. To do so, we rely on estereoscopic readings (which consist of studying parallel texts) to analyse translations performed by a group of student- translators. Three texts are available for analysis: an original text in Portuguese, a first version of the original text translated to English and the final version, that is, its reviewed version in English. The choice and use of vocabulary and lexical phrases are also analyzed by applying the theory of relevance, so as to verify the appropriateness of the translator's choices. The analysis demonstrates that most language items which indicate that the text was translated, those inadequate choices and selection of language observed in the material studied, mainly those identified in the first draft of the text translated into English, are due to the fact that they do not conform to the conventionality of the English language, but reproduce that of the source language.

Keywords: Translation – Genres – Lexical Phrases –Descriptive Study

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1 – Taxonomia de <i>corpora</i> (VIANA, 2010, p.30) | 47 |
| Quadro 2 – categoria 1 – exemplo 1 | 63 |
| Quadro 3 - categoria 1 – exemplo 2 | 65 |
| Quadro 4 – categoria 1 – exemplo 3 | 66 |
| Quadro 5 – categoria 2 – exemplo 1 | 67 |
| Quadro 6 – categoria 2 – exemplo 2 | 69 |
| Quadro 7 – categoria 2 – exemplo 3 | 71 |
| Quadro 8 – categoria 2 – exemplo 4 | 71 |
| Quadro 9 – categoria 3 – exemplo 1 | 72 |
| Quadro 10 – categoria 3 – exemplo 2 | 73 |
| Quadro 11 – categoria 4 – exemplo 1 | 73 |
| Quadro 12 – categoria 4 – exemplo 2 | 74 |
| Quadro 13 – categoria 1 – exemplo 1 | 75 |
| Quadro 14 – categoria 1 – exemplo 2 | 76 |
| Quadro 15 – categoria 1 – exemplo 3 | 76 |
| Quadro 16 – categoria 1 – exemplo 4 | 77 |
| Quadro 17 – categoria 1 – exemplo 5 | 77 |
| Quadro 18 – categoria 1 – exemplo 6 | 78 |
| Quadro 19 – categoria 5 – exemplo 1 | 79 |
| Quadro 20 – categoria 5 – exemplo 2 | 80 |
| Quadro 21 – categoria 5 – exemplo 3 | 80 |
| Quadro 22 – categoria 4 – exemplo 1 | 81 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 9 |
| 2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA | |
| 2.1 A TRADUÇÃO COMO PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE ELEMENTOS TEXTUAIS – CONCEITO DE TEXTO | 18 |
| 2.2 TEXTO, GÊNERO E DISCURSO | 22 |
| 2.3 A FUNÇÃO DO TEXTO E O PROCEDIMENTO TÉCNICO DA TRADUÇÃO – GÊNEROS TEXTUAIS | 23 |
| 2.4 CONVENCIONALIDADE | 30 |
| 2.5 EQUIVALENCIA E CORRESPONDENCIA NO PROCESSO TRADUTÓRIO | 35 |
| 2.6 LEITURA ESTEREOSCÓPICA E TEORIA DA RELEVÂNCIA..... | 40 |
| 2.7 CORPORA - COCA E LINGUEE | 45 |
| 2.8 O PAPEL DA TRADUÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUAS | 52 |
| 3. METODOLOGIA | 58 |
| 3.1 MATERIAL DE ANÁLISE – PROJETO | 58 |
| 3.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE | 61 |
| 4. ANÁLISE E RESULTADOS | 63 |
| 5. CONCLUSÃO | 80 |
| 5.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 82 |
| 5.2 IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS | 84 |
| 6. BIBLIOGRAFIA | 87 |
| 7. ANEXOS | 90 |

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar o processo tradutório, buscando os vestígios que revelam que o texto é fruto de uma tradução. Para tanto, é importante compreender a natureza do processo tradutório e da atividade de tradução em si. De acordo com Barbosa (2004, p.11), a tradução “[...] trata de uma atividade humana realizada através de estratégias mentais empregadas na tarefa de transferir significados de um código linguístico para outro [...]”. A questão da realização dessa atividade por meio de estratégias é o que conduziu esse trabalho. Observar as traduções de forma a reconhecer as estratégias empregadas pelo tradutor é uma das formas de procurar esses vestígios.

Em seu artigo “Sobre os Aspectos da Tradução”, Jakobson (1959) distingue três tipos de tradução:

- Tradução intralinguística ou reformulação, que é uma interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
- Tradução interlinguística ou tradução propriamente dita, que consiste numa interpretação de signos verbais por meio de outra língua.
- Tradução intersemiótica ou transmutação, que consiste numa interpretação de signos verbais por meio de signos de sistemas não verbais.

Conforme ressalta o linguista e semioticista brasileiro Edward Lopes (2008, p.15), a aprendizagem, a conservação, a transformação e a transmissão da cultura se realizam através de uma grande variedade de práticas sociais. Essas se organizam para expressar a cultura das comunidades humanas, assumindo a condição de sistema de signos para transmitir essa cultura de um indivíduo para o outro. A ciência que estuda os sistemas de signos, quaisquer que eles sejam e quaisquer que sejam as suas esferas de utilização chama-se Semiologia ou Semiótica. A Linguística faz parte da Semiótica e estuda uma modalidade dos sistemas sígnicos: as línguas naturais.

É importante observar que o ser humano é inconcebível fora das relações que o ligam ao meio. Lembrando Bakhtin, a palavra é o produto da interação social,

uma vez que se caracteriza pela plurivalência. A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através das enunciações¹. Essa relação entre a prática social e o sistema linguístico é reforçada pela hipótese de Sapir e Whorf (apud LOPES, 2008), que propõe que o mundo em que vivemos é um ambiente criado socialmente pelos humanos através da linguagem e que as línguas naturais funcionam como um guia para a atividade mental.

A conceituação dada por Barbosa (2004) parte de uma das formas possíveis de tradução: a interlinguística, que é a que nos interessa para a análise em questão, pois estamos trabalhando com esse tipo de tradução, e com a parte da semiótica que trata das línguas naturais. Segundo Sapir e Whorf (apud LOPES, 2008, p.22), se culturas diferentes veem a realidade de formas diferentes, conceitos não estão na realidade em si, mas na visão que temos dela. Dessa forma, as línguas naturais não são um decalque nem uma rotulação da realidade, elas delimitam aspectos de experiências vividas por cada povo.

O vocabulário das línguas indica bem esse processo. Há línguas africanas que somente se utilizam de uma palavra para designar as cores “verde” e “azul”, enquanto que na língua portuguesa temos palavras como “verde/azul claro e escuro”, entre outros vocábulos, observando assim cores diferentes. Já para os falantes das línguas africanas que somente usam os termos “verde” e “azul”, essas cores diferentes seriam na verdade tonalidades da mesma cor. O indivíduo que guia o automóvel é chamado de *chauffeur* em francês, de *condutor* em espanhol, de *driver* em inglês e de *motorista* em português. Isto significa que os franceses associam tal indivíduo com a atividade de aquecer o motor para pôr a máquina em movimento; os espanhóis e ingleses o associam com o ato de dirigir o carro, enquanto que nós, falantes do português, o associamos diretamente com o motor do veículo. Trata-se de uma mesma

¹ Cf. BRANDÃO, Helena H. Magamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora Unicamp, 2002. p.15.

atividade, mas a análise que cada língua pratica nessa realidade resulta na apreensão de um aspecto particular de uma série de operações, e esse aspecto focalizado difere de uma criação para outra comunidade de falantes. (LOPES, 2008, p.22)

Jakobson (1959), no artigo mencionado acima, indica um problema central no processo tradutório: o fato de não se obter a equivalência completa através da tradução. Nem a aparente sinonímia produz equivalência, e Jakobson (1959) mostra como a tradução intralinguística tem que recorrer com frequência a uma combinação de unidades de código para interpretar o sentido de uma simples unidade. Essa demonstração é retomada por Mounin (apud BASSNETT 2003), teórico francês, que entende a tradução como uma série de operações cujo ponto de partida e o produto final são significações que funcionam dentro de uma dada cultura. Como exemplo, a palavra em inglês *pastry*, se traduzida para o italiano sem considerar sua significação, não vai desempenhar adequadamente seu significado na frase, mesmo exista um equivalente dicionarizado (BASSNETT, 2003, p.37-38).

Ao considerar que as línguas expressam representações e percepções diferentes da realidade, é possível descrever alguns problemas que podem ser encontrados na perspectiva tradicional da tradução. Essa perspectiva se baseia na possibilidade de descobrir/ decodificar o pensamento do autor e recodificá-lo em outra língua. Mesmo que a perspectiva tradicional admita a subjetividade do autor, essa característica é vista como um empecilho para a tradução ideal. Outra questão a ser levantada é a de que o ponto de partida para a tradução é o texto e a língua, mas parece que o teórico da tradução deve buscar soluções e fazer sua análise apenas baseado no texto, como se o texto e a língua fossem capazes de guardar o sentido, a mensagem, o conteúdo ou a informação (MITTMANN, 2003, p.22-23).

A perspectiva tradicional é contraposta por alguns teóricos da tradução, como Francis H. Aubert, Rosemary Arrojo, Lawrence Venuti e Theo Hermans (MITTMANN, 2003). Entre as argumentações contrárias à perspectiva tradicional está a de que o sentido não está contido no texto original pronto para ser decodificado e recodificado, mas esse sentido é o resultado de um ato

interpretativo do tradutor, e essa interpretação é determinada por fatores externos (visão de mundo, ideologia, padrões estéticos, para citar apenas alguns) que agem sobre o tradutor e que tem uma relação particular com cada língua. Nessa perspectiva, reconhece-se o papel ativo do tradutor, que é um papel de transformação e de produção, e não um papel de mero decodificador/recodificador de uma mensagem pronta (MITTMANN, 2003, p.34).

Em *Oficina da tradução*, Arrojo (2007) demonstra que J. C. Catford e Eugene Nida retratam a tradução como processo de transferência ou substituição (ARROJO, 2007). Aquele define a tradução como a substituição do material textual de uma língua pelo material textual equivalente em outra língua; este ilustra a tradução através da comparação das palavras em uma fileira de vagões de carga. Segundo esta descrição, a carga pode ser distribuída de forma irregular: um vagão pode conter muita carga, enquanto outro vagão pode conter muito pouca. De maneira semelhante, Nida sugere que algumas palavras carregam vários conceitos e outras têm que se juntar para conter apenas um.

A crítica feita por Arrojo à metáfora descrita acima é a de que ela lida com o texto original como um objeto estável, “transportável”, de contornos claros, cujo conteúdo podemos classificar de forma completa e objetiva. Outro problema dessa imagem é o fato de dar a entender que a tarefa do tradutor seria a de garantir que a carga chegue intacta ao seu destino, ou seja, o tradutor seria um simples decodificador de sentidos objetivamente definidos (ARROJO, 2007, p.12-13).

Argumento relevante, que contesta a visão de que a tradução é transferência de sentido de uma língua para outra, vem de um dos contos de Jorge Luis Borges, intitulado “Pierre Menard, Autor Del Quijote”, encontrado no livro de Rosemary Arrojo *Oficina de tradução* (2007). Menard, na tentativa de traduzir Dom Quixote seguindo à risca os três princípios de uma boa tradução propostos por Tytler, percebe que o resultado final é, na verdade, sua própria leitura de Quixote. Ao tentar “reproduzir” a totalidade do texto de Cervantes, ele descobre a impossibilidade de sua tarefa, pois as palavras do texto de Cervantes não conseguem delimitar ou petrificar seu significado original,

independente de um contexto ou uma interpretação. Ao mesmo tempo, Menard se torna “autor” de Quixote, seus leitores também interpretam seu texto sob diferentes pontos de vista. Assim

[...] ainda que um tradutor conseguisse chegar a uma repetição total de um determinado texto, sua tradução nunca recuperaria a totalidade do “original”; revelaria, inevitavelmente, uma leitura, uma interpretação desse texto que, por sua vez, será, sempre, apenas *lido* e *interpretado*, e nunca totalmente decifrado e controlado. (ARROJO, 2007, p.22)

Dentro dessa perspectiva, torna-se claro que o tradutor desempenha um papel de destaque dentro do processo tradutório. Não é simplesmente um “transferidor de significados”, uma vez que dentro do texto não se encontra nenhuma mensagem estática, imutável a ser desvendada. Como diz Arrojo, o significado depende da leitura feita do texto e do momento em que esta foi realizada: esse (o tradutor) contribui de forma peculiar ao deixar traços característicos seus na obra a ser traduzida (ARROJO, 2007, p.22).

A compreensão que o tradutor tem do texto traduzido é o que se reflete no texto traduzido, no processo de retextualização, conforme explica Neuza Travaglia (2003). Essa observa ainda que traduzir é retextualizar em outra língua, e que o sentido não é algo fixo, pois está condicionado a muitos fatores que são variáveis (TRAVAGLIA, 2003, p.40).

Nessa perspectiva, reconhecendo o papel ativo do tradutor no processo, procura-se conhecer os fatores externos que influenciam esse tradutor. Dentro dessa perspectiva, considerando a hipótese de Sapir e Whorf (apud LOPES, 2008, p.22), podemos concluir que a língua é um dos fatores que influenciam nesse processo. Uma vez que o texto traduzido, na perspectiva contestadora, é um reflexo da interpretação do tradutor da mensagem do texto, o resultado (ou seja, o texto traduzido) será diretamente influenciado por essa perspectiva, no que diz respeito às escolhas realizadas. Partindo da perspectiva da retextualização, é possível argumentar que fatores como a questão do gênero textual e a da convencionalidade influenciam o tradutor, uma vez que as escolhas do tradutor precisam considerar o gênero produzido e as convenções desse na sua realização.

No trabalho *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*, Marcuschi (2010, p.19) destaca a importância dos gêneros textuais enquanto organizadores das atividades comunicativas diárias, e argumenta que, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo, não são elementos estanques e enrijecedores da atividade criativa. O autor ainda ressalta que ao dominarmos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística, mas sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares. A meu ver, esse caráter funcional do gênero e sua realização estilística são importantes para o processo tradutório, uma vez que por eles, o tradutor, pode melhor realizar seu trabalho e melhor fazer suas escolhas: a opção de uma tradução mais literal ou de uma tradução livre pode ser orientada através de uma melhor compreensão dos objetivos sócio-comunicativos do gênero a ser traduzido e de como realizar esse gênero.

Um exemplo é a tradução de cartas formais. Em inglês, uma das formas de iniciar esse gênero de texto é com a expressão “Dear Sir/ Madam”. Uma tradução literal do termo “dear” não se mostra adequada, visto que a palavra em língua portuguesa equivalente a “dear”, que é “querido”, é mais frequente em cartas informais, o que justificaria o não uso da tradução literal.

Outro aspecto que influencia o processo da tradução é a questão da convencionalidade. Tagnin (2005, p.15) ² define a convencionalidade como tudo “[...] que é de uso ou de praxe; consolidado pelo uso e pela prática” [...]. Um exemplo dado pela autora é o costume em nossa sociedade de cumprimentar alguém por ocasião do Natal, seja dando a essa pessoa um presente, um cartão ou simplesmente dizendo “Feliz Natal”. ²Essa é uma expressão convencional social, pois está ligada à comemoração do Natal. Outras expressões da mesma natureza são “Obrigado”, ao agradecer a alguém por algo, ou “Desculpe”, “Foi Mal” ao pisar no pé de alguém ou qualquer outra situação que o convívio social demanda um pedido de desculpas. Já na língua inglesa, a expressão convencional social é “Merry Christmas”, e não “Happy Christmas”. Isso é evidenciado no filme *Trocando as Bolas (Changing Places)* em que um estrangeiro entra num compartimento de trem nos Estados Unidos

² Em nota, Stella Tagnin (2005, p.17) explica que o termo expressões convencionais e idiomáticas é entendido por *lexical phrases* no trabalho de Nattinger & De Carrico (1992).

e deseja um “Happy Christmas”, a que o personagem de Eddie Murphy responde “Merry Christmas, in this country we say Merry Christmas”. (TAGNIN, 2005, p.30)

A convencionalidade e idiomaticidade são aspectos relevantes a se considerar no processo tradutório, uma vez que influencia diretamente na elaboração do texto traduzido. Se não levarmos em conta essa convencionalidade e idiomaticidade, corremos o risco de realizar um texto traduzido que cause estranheza ao leitor, ou, até mesmo, leve a uma interpretação errônea. Por exemplo, a expressão idiomática, “kick the bucket”, se for realizada em uma tradução literal (palavra por palavra) resultará em “chutar o balde”. Ambas as expressões existem tanto no inglês quanto no português, mas com significados distintos. Em inglês, a expressão significa morrer, já no português significa desistir ou desempenhar algo apesar de algum risco. Obviamente, dependendo do contexto que tivermos, a tradução literal é que vai atender os objetivos do texto fonte (por exemplo, se o que for descrito não for a expressão idiomática, mas o ato em si de chutar o balde).

Lopes cita um exemplo dado por Has (1979, p.379 apud LOPES, 2008, p.23) de um famoso poema que Goethe escreveu sobre a Itália, e que demonstra a problemática que o tradutor encontra por conta da idiomaticidade e convencionalidade. O poema principia com o verso *Kennst du das Land, wo die Zitronen blühen?* (Você conhece a terra onde floresce o limoeiro?). Foi mal traduzido para o inglês porque começa *knowst thou the Land . . .* e Hass se explica: *Kennst du . . .* é uma frase coloquial (*du* em alemão é um tratamento informal de pessoa, utilizado de modo familiar) ao passo que *Knowst thou . . .* é uma forma de tratamento que se utiliza em inglês apenas para a poesia (não nos discursos informais) ou para dirigir-se a Deus. Do mesmo modo, *Land* é uma palavra que, em muitos contextos, corresponde à forma inglesa *country* (“campo”, “país”), e a palavra *land*, da língua inglesa, não é utilizada. Já em outras frases é possível traduzir *Land* do alemão com o *land* do inglês. Ex.: *landscape* (inglês) = *Landschaft* (alemão), ambos significam “paisagem”. Vê-se, por aí, que nenhuma língua pode expressar, com inteira justeza, senão a própria cultura (LOPES, 2008, p.23-24). Por isso, muitas vezes o tradutor

recorre a várias expressões e, às vezes, notas de rodapé, para dar conta de uma simples expressão ou vocábulo inserido em um determinado contexto.

A partir dessa discussão, é possível ver a relação entre a convencionalidade e os gêneros textuais. Numa carta comercial, por exemplo, foi convencionalizado encerrar com “Yours truly”, ao passo que se usa “Atenciosamente” na língua portuguesa. Nesse exemplo, percebe-se que uma tradução literal do português para o inglês não atenderia de forma satisfatória esse gênero, sendo uma tradução mais livre a adequada.

Ainda dentro da tradução de expressões convencionais e idiomáticas, as colocações e coligações podem também denunciar alguns problemas de tradução. Exemplo é a expressão “repleto de”, que em inglês é “replete with”. Além do problema da preposição que rege o verbo, observa-se também a questão de seu uso, quanto ao registro. No caso da língua inglesa, a expressão “replete with” ocorre de forma mais frequente em contexto formal, diferente do que se vê na língua portuguesa. Outro caso similar é o do verbo “consistir em”, que em inglês é “consist of”. Percebe-se aqui que a escolha e decisões do tradutor vão além da questão lexical, uma vez que a adequação das escolhas ao gênero a ser traduzido deve ser levada em conta.

Através da análise de traduções realizadas por um grupo de tradutores do Centro de Línguas para a Comunidade-Ufes para o quarto guia turístico da PROJETUR, buscam-se os vestígios deixados pelo tradutor, observando a utilização do vocabulário e das expressões idiomáticas e convencionais. Acredita-se que o tradutor, por meio do uso de algumas dessas expressões de forma inadequada, pode deixar marcas de que este texto é uma tradução.

A ideia inicial era observar as coligações verbais, pois essas, segundo Stella Tagnin, são em geral as que geram mais problemas na utilização, devido as diferenças de ocorrência encontradas de uma língua para outra (TAGNIN, 2005, p.42). Nesse grupo de coligações verbais, podemos considerar as coligações de regência. Por exemplo, o verbo “congratulate”, que significa “cumprimentar”, é seguido da preposição “on”, preposição essa que não equivale àquela usada na língua portuguesa com esse verbo, que é a preposição “por” (cumprimenta-se alguém por alguma coisa). Numa frase em

inglês, tem-se *Let me congratulate you **on** your performance* ; já sua tradução é *Deixe-me cumprimentá-lo **por** seu desempenho* (TAGNIN, 2005, p. 31). A preposição “por” é usualmente traduzida como “for”, e não como “on”. O mesmo é o caso do verbo “prevent”, que significa “impedir; evitar”. A preposição que rege esse verbo é “from”; já em português utiliza-se a preposição “de”, que é traduzida como “of”.

No entanto, o material analisado nesse estudo leva a observação de outros vestígios, como nos casos de escolhas lexicais inadequadas. Ainda assim, observamos que, por meio das análises que foram realizadas, os vestígios que foram descritos estão relacionados com a questão da convencionalidade.

É importante ressaltar que o gênero em questão, por se tratar de um texto mais informal e que tem como intuito o de incentivar leitor a visitar as terras capixabas, pode levar o tradutor a optar com maior frequência ao procedimento de tradução livre, e menos frequentemente de uma tradução direta. A questão da escolha dos vocábulos foi analisada e discutida, no que se refere à adequação desses ao texto em questão, e também analisamos como uma escolha inadequada pode levar não só a um problema de estrutura do texto, como também demonstra o mal uso de algumas expressões e vocábulos podem deixar vestígios de que o texto em questão é traduzido.

Por ser a tradução um texto destinado a pessoas que falam uma língua diferente daquela na qual o texto original foi escrito, e que objetiva tornar acessível a essas pessoas o texto fonte, a reflexão sobre as escolhas do tradutor no momento que escreve o texto traduzido se mostra importante para a reflexão sobre o processo tradutório, pelo fato de que a convencionalidade, junto com o gênero, apresentam interferência direta na compreensão e produção do texto.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 A TRADUÇÃO COMO PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE ELEMENTOS TEXTUAIS – CONCEITOS DE TEXTO

É importante, antes de tudo, observar a definição de texto, uma vez que os elementos textuais não se encontram isolados, mas dentro de um todo organizado, que é o texto. Neste ponto, faz-se relevante a definição, ou seja, o que se depreende por *texto* no trabalho em questão.

Retomando a classificação dada por Jakobson (1959) sobre os três tipos de tradução (interlingual, intralingual e intersemiótica), a ideia que se faz de texto nesse trabalho é a de um conjunto de signos que formam um todo coerente, visto que a tradução intersemiótica também produz um material que comunica uma determinada mensagem, embora não use signos linguísticos, mas formam um todo coerente pela seleção e combinação de signos não verbais, com o intuito de comunicar algo. Esse conceito de texto é encontrado em Bakhtin (2003), conforme apresentado adiante.

Em *Introdução à Linguística Textual*, Koch (2009) apresenta algumas concepções de texto que fundamentaram os estudos da Linguística Textual, ressaltando que em determinados momentos elas se imbricam. Muitas dessas definições focam o texto verbal. São elas:

1. texto como frase complexa ou signo linguístico mais alto na hierarquia do sistema linguístico (concepção de base gramatical);
2. texto como signo complexo (concepção de base semiótica);
3. texto como expansão tematicamente centrada de macroestruturas (concepção de base semântica);
4. texto como ato de fala complexo (concepção de base pragmática);
5. texto como discurso “congelado”, como *produto* acabado de uma ação discursiva (concepção de base discursiva);
6. texto como meio específico de realização da comunicação verbal (concepção de base comunicativa);

7. texto como *processo* que mobiliza operações e processos cognitivos (concepção de base cognitivista);
8. texto como lugar de interação entre atores sociais e de construção interacional de sentidos (concepção de base sociocognitiva-interacional).

Segundo Fávero e Koch (2008), Hjelmslev foi, provavelmente, o primeiro a esboçar uma definição de texto. Segundo ele, texto é toda e qualquer manifestação da língua, longa ou curta, falada ou escrita, correspondendo de certa maneira à *parole* de Saussure. (FÁVERO; KOCH, 2008, p.30).

Importante observar que o que é definido como texto independe do tamanho em que ele se apresente. Essa posição também se encontra em Halliday e Hasan (1976), que dão a seguinte definição para texto: “A palavra TEXTO é usada em linguística para se referir a qualquer passagem, falada ou escrita, de qualquer tamanho, que forma um todo unificado³. [...]” (HALLIDAY; HASAN, 1976, p.1, tradução nossa⁴).

No interior de orientações pragmáticas (KOCH, 2011), o texto passa a ser encarado pelas teorias acionais como uma sequência de atos de fala; pelas vertentes cognitivistas, como fenômeno primariamente psíquico, resultado de processos mentais; e pelas orientações que adotam o pressuposto da teoria da atividade verbal como parte das atividades globais de comunicação, indo além do texto em si, visto que o texto constitui apenas uma fase do processo global. O texto, desta maneira, passa a ser abordado no seu próprio processo de planejamento, verbalização e construção, e pode ser concebido como resultado parcial de nossa atividade comunicativa. O texto pode ainda ser entendido como

“[...] uma unidade linguística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa específica, como uma **unidade de sentido** e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente da sua extensão.” (KOCH; TRAVAGLIA, 2011, p.12, grifo nosso).

³ Tradução de” The word text is used in linguistics to refer to any passage, spoken or written, of whatever length, that does not form a unified whole. [...]” (HALLIDAY; HASAN, 1976, p.1)

⁴ Todas as traduções de citações são de minha responsabilidade.

Num sentido mais amplo, o texto pode ser entendido, conforme defende Bakhtin (2003, p.308), como qualquer *conjunto coerente de signos*, o que leva a categoria de textos outras organizações de signos, tal como a música, a pintura e outras formas de arte.

No caso da língua, vale observar que ela nos chega não por meio de frases isoladas ou morfemas, mas por meio de textos (FÁVERO; KOCH, 2008; THORNSBURY, 2005). Não se trata de uma unidade linguística, mas de uma forma de existência da língua (FÁVERO; KOCH, 2008, p.30).

Outra visão de texto que está em consonância com a proposta desse trabalho é a de que este é um processo, podendo ser visto como um evento sempre emergente (MARCUSCHI, 2008, p.242). O texto é um proposto de sentido que se encontra aberto a alternativas diversas de compreensão. Isso não significa que o texto seja algum tipo de caixa preta, pois se assim fosse, a compreensão por meio dele não seria possível. Há limites para a compreensão textual, e esses limites são determinados por alguns princípios de compreensão.

Marcuschi (2008, p.242) sugere que se tome o texto como um evento comunicativo no qual convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas, conforme o que é proposto por Beaugrande (1997, p.10, apud MARCUSCHI, 2008, p.242). Se a língua é atividade interativa e não apenas forma, e o texto é um evento comunicativo e não apenas um artefato ou produto, a atenção e as análises dos processos de compreensão recaem nas atividades, nas habilidades e nos modos de produção de sentido bem como na organização e condução das informações (MARCUSCHI, 2008, p.242).

Importante ressaltar que os efeitos de sentido são produzidos pelos leitores ou ouvintes na relação com os textos, de modo que as compreensões daí decorrentes são fruto do trabalho conjunto entre produtores e receptores em situações reais de uso da língua. O sentido, desta forma, não está no leitor, nem no texto, nem no autor, mas se dá como um efeito das relações entre eles e das atividades desenvolvidas (MARCUSCHI, 2008, p.242).

Um indicador importante para a compreensão do texto é o gênero textual a que pertence o texto. Os textos se realizam sempre em algum gênero textual

particular, e cada gênero tem maneiras especiais de ser entendido. Não se pode, por exemplo, ler uma receita culinária como se lê uma piada ou um artigo científico (MARCUSCHI, 2008, p.243).

Marcuschi adota a seguinte definição de texto: “[...] é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas.” (BEAUGRANDE, 1997, apud MARCUSCHI, 2008). Comparando com a definição dada por Travaglia e Koch (2011), vê-se que ambas defendem a ideia de texto como ocorrendo dentro de um evento comunicativo dado.

A ideia do texto como unidade de sentido é a que se considera neste trabalho, pois com a concepção da unidade de sentido abarcamos os textos que se formam por signos não verbais, que podem formar, conforme explica Bakhtin (2003, p.307) um conjunto coerente de signos, o que faria com que esse todo coerente fosse considerado texto. A tarefa do tradutor é, a priori, transmitir determinados sentidos para outra língua (no caso da tradução interlingual). Para o tradutor, o texto é [...] “um objeto materializado numa dada língua natural”. [...] (TRAVAGLIA, 2003, p.23). É o seu ponto de partida.

Como esclarece Travaglia em “Tradução Retextualização: a tradução numa perspectiva textual”, o tradutor parte de um material preciso: um texto, uma realização verbal concreta, de uma unidade linguística concreta. Ele não trabalha com o conceito de texto como fenômeno abstrato, mas com a entidade concreta e atual (TRAVAGLIA, 2003, p.23). Em outras palavras, o tradutor trabalha com o enunciado, o texto em si, que ele vai procurar reenunciar num outro código, seja ele um código verbal ou um código não verbal. É importante observar que esse reenunciar aponta para um momento diferente no qual o texto traduzido será elaborado, e que essa reenunciação implica também numa recontextualização, ou seja, a produção de sentidos no texto traduzido está atrelada à enunciação, como veremos adiante.

Segundo a Teoria da Enunciação (KOCH, 2010, p.11-12), o linguista que se preocupa com questões relacionadas ao sentido precisa dar atenção não só ao *enunciado*, mas também à *enunciação*. Esta é o evento único, jamais repetido, de produção de enunciado. Aquele é a manifestação concreta de uma frase, em situações de interlocução. Para exemplificar, Koch dá o seguinte exemplo:

“Hoje eu fui à praia.” É uma frase que, ao ser pronunciada por diferentes indivíduos ou pelo mesmo indivíduo em diferentes situações de interação, elas se tornam um enunciado.

Se entendermos as condições de produção (tempo, lugar, papéis representados pelos interlocutores, imagens recíprocas, relações sociais, objetivos visados na interlocução) como constitutivos do sentido do enunciado, percebemos que, ao traduzir, existe uma reenunciação. O momento em que a tradução ocorre é outro. É outra situação, as condições de produção são outras, e o contexto é outro. A língua (pensando na tradução interlingual), também é outra. Consequentemente, esse reenunciar ganha outros contornos no que se refere ao sentido produzido, pois os sentidos nunca são os mesmos para os enunciados, por conta da enunciação.

2.2 TEXTOS, GÊNERO E DISCURSO

A linguística textual postula que a língua não possui autonomia sintática, semântica e cognitiva. O texto “[...] não é um simples artefato linguístico, mas um evento que ocorre na forma de linguagem inserida em contextos comunicativos [...]”. (MARCUSCHI, 2008, p.76).

A tendência atual é ver um contínuo entre texto e discurso como uma espécie de condicionamento mútuo. A relação do texto e do gênero deve ser bem entendida e não posta como algo diverso. Como observa Coutinho (COUTINHO 2004, p.29, apud MARCUSCHI, 2008), uma das tendências atuais é não separar texto e discurso de forma rígida, uma vez que se trata de frisar mais a relação entre ambos e considerá-los como aspectos complementares da atividade enunciativa.

Hatim e Mason (1990, p.140) veem gênero em termos de um conjunto de características que se percebe como apropriadas a um dado contexto social. É importante observar que não existe uma simples relação um a um entre elementos do léxico, gramática etc. e as ocasiões sociais com um gênero

específico. Já o discurso, segundo os autores, é uma questão de expressão de atitude. Sobre o discurso, dizem:

“[...] Discursos são maneiras de falar e escrever que envolvem os participantes na adoção de uma instância específica em determinadas áreas da atividade sociocultural: discurso racial, discurso científico, discurso doméstico etc. discursos, portanto, não são independentes da língua, embora eles reflitam fenômenos não linguísticos. [...]” (HATIM; MASON, 1990, p.141, tradução nossa)⁵

Refletindo o texto enquanto evento comunicativo, é possível relacioná-lo com o conceito bakhtiniano de enunciado, entendendo-o enquanto unidade de sentido inserido em determinado contexto comunicativo. E o texto manifesta-se por meio de algum gênero textual específico, dado o evento comunicativo de que se dispõe.

2.3 A FUNÇÃO DO TEXTO E O PROCEDIMENTO TÉCNICO DA TRADUÇÃO – GÊNEROS TEXTUAIS

Entendo a função do texto diretamente ligada à questão de gênero textual, e esta é importante para o processo tradutório, pois o gênero conduz o trabalho do tradutor, bem como as suas escolhas. Como mencionado anteriormente, a língua é percebida pelos falantes, pelos interlocutores, por meio de textos, sob a forma de textos (orais ou escritos, de tamanhos variados). E os textos dentro de um contexto de interação se apresentam por meio de algum gênero, este adequado ao contexto em que se insere.

A comunicação pode ocorrer através de diversas manifestações linguísticas. Bakthin (2003, p. 261) observa que todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem, e que o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), e todo trabalho de investigação

⁵ Tradução de “[...] Discourses are modes of speaking and writing which involve the participants in adopting a particular instance on certain areas of socio-cultural activity: racial discourse, scientific discourse, domestic discourse etc. Discourses, therefore, are not independent of language, though they reflect non-linguistic phenomena. [...]” (HATIM, MASON, 1990, p.141).

linguística concreta opera inevitavelmente com enunciados⁶ concretos, relacionados a diferentes campos da atividade humana e da comunicação. Esses enunciados refletem ainda as condições específicas e as finalidades de cada campo referido não somente pelo conteúdo temático, mas também pela seleção dos recursos de léxico, da fraseologia e dos recursos gramaticais empregados na construção composicional (BAKHTIN, 2003, p. 261). Como observa Marcuschi (2008, p.161), os gêneros são nossa forma de inserção, ação e controle social no dia a dia. Para exemplificar, Marcuschi cita a atividade discursiva na vida acadêmica. Em boa parte, os gêneros por nós produzidos dão, pelo menos em uma primeira instância, legitimidade ao nosso discurso. Nesse particular, gêneros textuais como ensaios, teses, artigos, dentre outros, assumem um grande prestígio, a ponto de legitimar determinada forma de fazer ciência e decidir o que é científico (MARCUSCHI, 2008, p. 162).

O estudo dos gêneros textuais (MARCUSCHI, 2008) tem pelo menos vinte e cinco séculos no Ocidente. A expressão “gênero” esteve, na tradição ocidental, ligada aos gêneros literários, cuja análise se inicia com Platão, para se firmar com Aristóteles, passando por Horácio e Quintiliano, pela Idade Média, Renascimento e a Modernidade, até os primórdios do século XX.

É com Aristóteles que surge uma teoria mais sistemática sobre os gêneros e sobre a natureza do discurso. Segundo ele, há três elementos compondo o discurso: aquele que fala, aquilo sobre o que se fala, e aquele a quem se fala. Ele ainda mostra que num discurso existem três tipos de ouvinte: como espectador que olha o presente, como assembleia que olha o futuro e como juiz que julga sobre as coisas passadas.

Os estudos textuais ganharam certo destaque atualmente, mas numa perspectiva diferente da aristotélica. A análise de gêneros compreende “[...] uma análise do texto e do discurso, e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral. [...]” (MARCUSCHI, 2008, p.149).

⁶ Entende-se enunciado como a “[...] real unidade da comunicação discursiva [...]”. Os enunciados, embora apresentem diferenças em volume, construção composicional e conteúdo, possuem peculiaridades estruturais comuns, e antes de tudo limites absolutamente precisos. (Cf. BAKHTIN, 2003, p.274-275).

Schneuwly (2004, p.25) explica que a noção de gênero encontrou, provavelmente pela primeira vez, uma extensão considerável na obra de Bakhtin. É possível resumir sua posição da seguinte forma:

- cada esfera de troca social elabora tipos relativamente estáveis de enunciados: os gêneros;
- três elementos os caracterizam: conteúdo temático, estilo e construção composicional;
- a escolha de um gênero se determina pela esfera, as necessidades da temática, o conjunto dos participantes e a vontade comunicativa ou intenção do locutor.

Há a escolha do gênero em função de uma situação definida por certo número de parâmetros: finalidade, destinatário, conteúdo, dentre outros. Mesmo sendo “mutáveis, flexíveis”, os gêneros têm uma estabilidade: eles definem o que é dizível (e, inversamente, o que deve ser dito define a escolha do gênero) (SCHNEUWLY, 2004, p.26). A escolha do gênero se faz em função da definição dos parâmetros da situação que guiam a ação. Há, pois, aqui uma relação entre meio-fim, que é a estrutura de base da atividade mediada. Entender o gênero como instrumento de inserção social está em consonância com a concepção bakhtiniana sobre gênero enquanto mediador das interações sociais. Podemos observar essas escolhas observando o exemplo dado por Marcuschi sobre os gêneros acadêmicos, mencionado anteriormente. O uso desses gêneros em contexto acadêmico dá, a priori, legitimidade ao nosso discurso e a determinada forma de fazer científico.

Retomando Marcuschi (2010, p.19), os gêneros textuais não são elementos estanques da atividade criativa, mesmo que apresentem alto poder preditivo. Em se tratando das nossas atividades comunicativas diárias, podemos dizer que não há comunicação que não se dá por meio de algum texto. Pelo que está exposto, podemos entender que os enunciados proferidos o são por meio de um gênero textual, uma vez que Bakhtin (2003), conforme anteriormente mencionado, ressalta que o emprego da língua se dá por meio de enunciados. Assim, os enunciados são proferidos sob a forma de algum texto, que surge

através de algum gênero textual. Marcuschi (2008, p.154) ainda observa que, quando se domina um gênero textual, não é somente uma forma linguística que se domina, mas uma forma de realizar linguisticamente domínios específicos em situações sociais particulares. Essa realização do gênero relaciona-se com a questão do estilo a ser empregado na construção deste.

Bakhtin (2003) trata da questão estilística do gênero, mostrando que o estilo está indissolúvelmente associado ao enunciado e às formas típicas desse (BAKHTIN, 2003, p.265). Os enunciados, que são proferidos em forma de texto por meio de determinado gênero textual, podem refletir a individualidade do falante, visto que “[...] Todo enunciado – oral e escrito, primário e secundário e também em qualquer campo da comunicação discursiva [...] é individual, e por isso pode refletir a individualidade do falante. [...]” (BAKHTIN, 2003, p.265).

No entanto, Bakhtin (2003, p.265) ressalta que os gêneros revelam a individualidade de maneira distinta. Os gêneros que são mais favoráveis para mostrar a individualidade do falante são os gêneros literários. Já os gêneros que oferecem as condições menos propícias para a manifestação da individualidade por meio da linguagem são aqueles que requerem uma forma mais padronizada, como é o caso dos documentos oficiais. Os estilos de linguagem são, na verdade, estilos de gênero de determinadas esferas da atividade humana (BAKHTIN, 2003, p. 266).

Os gêneros mostram necessariamente relação com o contexto e com a prática social. É nela que os gêneros são moldados, transformados, caem em desuso e novos gêneros surgem. Como Bakhtin ressalta

A riqueza e a diversidade de gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. [...] (BAKHTIN, 2003, p.262)

Ainda em *Os gêneros do discurso*, Bakhtin faz a distinção entre os gêneros primários e gêneros secundários. Aqueles se referem a gêneros tidos como primeiros, tais como conversas informais; estes são gêneros mais elaborados (artigos, cartas, peça teatral). Pode-se dizer que a elaboração destes gêneros secundários aproveita-se do material encontrado nos gêneros primários.

Marcuschi também destaca que novos gêneros não são inovações absolutas, não surgem sem estarem ancorados a outros gêneros textuais já existentes (MARCUSCHI, 2010, p. 21).

Outro aspecto relevante é a distinção que se faz entre gênero textual, tipo textual e domínio discursivo. Marcuschi (2008) dá as seguintes definições: tipo textual designa uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo). Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. O *gênero textual* refere aos textos materializados em situações comunicativas recorrentes. São os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Contrapondo os tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagem abertas. O *domínio discursivo* constitui muito mais “uma esfera da atividade humana” no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos, e indica instâncias discursivas (por exemplo: discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso, para mencionar alguns). Não abrange um gênero em particular, mas origina vários deles, visto que os gêneros são institucionalmente marcados.

Segundo Marcuschi (2008, p.158), as definições são mais operacionais do que formais e seguem de perto a posição bakhtiniana. As distinções de um gênero textual para outro não são predominantemente linguísticas, mas funcionais (MARCUSCHI, 2008, p.159).

De acordo com Miller (1984, apud MARCUSCHI, 2008, p. 159), os gêneros são formas verbais de ação social estabilizadas e recorrentes em textos situados em comunidades de práticas em domínios discursivos determinados. Marcuschi ainda observa que, dessa maneira, os gêneros se tornam propriedades inalienáveis dos textos empíricos e servem de guia para os

interlocutores, dando inteligibilidade às ações retóricas (MARCUSCHI, 2008, p. 159).

Dentro dessas definições, é possível (e bastante comum) encontrar nos textos o que se conhece como *heterogeneidade tipológica* (vários tipos de texto compondo um determinado gênero – como um artigo de opinião que apresente descrição, entre outros).

Os gêneros textuais, como pode ser observado dado o que foi exposto, são dinâmicos, de complexidade variável, portanto não sendo possível fazer uma lista fechada desses. Atualmente, a tendência nos estudos dessa área é explicar como os gêneros se constituem e circulam socialmente (MARCUSCHI, 2008, p.159).

Importante observar que o papel desempenhado por determinado enunciado é o que sinaliza a sua definição enquanto gênero. Os enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas da construção do todo. O gênero escolhido sugere os tipos e os seus vínculos composicionais (BAKHTIN, 2003). Há no enunciado, manifestado na forma do texto por meio de um gênero, intencionalidade do falante em dizer alguma coisa. O contexto define o gênero adequado à situação, e o gênero define o estilo composicional a ser adotado.

Duff (1989, p.11) fala sobre a questão do registro. As línguas diferem em seus níveis de formalidade e informalidade em contextos específicos. De forma a resolver essas diferenças, o tradutor precisa distinguir as formas fixas ou formais das formas de expressão pessoal. Essas expressões se manifestam dentro do texto, que insurge por meio de algum gênero de texto.

A questão do gênero se mostra relevante tanto para a tradução quanto para a questão da convencionalidade. O gênero a ser construído pelo tradutor obedece a algumas convenções quando elaborado, e essas convenções estão relacionadas ao registro (se o gênero textual apresenta características mais formais ou informais). Isso orienta o tradutor nas escolhas linguísticas que serão usadas no texto traduzido. A opção do tradutor por um procedimento de tradução literal ou por um procedimento de tradução livre depende de forma direta do gênero textual a ser produzido na língua alvo.

Retomando Marcuschi (2008, p.154), o domínio de um gênero textual implica um domínio de um fazer linguístico em determinadas situações de comunicação. Sendo assim, reconhecemos que as escolhas feitas pelo tradutor tem relação com o que se considera adequado para a realização daquele gênero específico dentro de uma determinada língua. Em outras palavras, as escolhas realizadas pelo tradutor levam em conta o convencionalizado dentro da produção de um gênero textual determinado. No artigo *Estratégias de Análise Macrotextual*, Magalhães (2011) mostra como o gênero é percebido no processo tradutório.

O artigo discorre sobre o uso da estratégia de análise macrotextual, que mais tarde será transformada em **esquemas** para o tradutor, que serão sempre por ele utilizados para analisar os textos a serem traduzidos e proceder as escolhas mais adequadas para os novos textos que ele irá construir (MAGALHÃES, 2011, p.72).

Fazem parte das estratégias macrotextuais de análise as seguintes unidades de tradução: o gênero e os padrões retóricos. Magalhães define gênero como “formas convencionais de texto” que refletem as funções e os objetivos de eventos sociais determinados, bem como o propósito dos participantes desses eventos. Já os padrões retóricos, segundo Magalhães, são quadros conceituais que permitem classificar os textos quanto às intenções comunicativas que servem a um padrão retórico global (MAGALHÃES, 2011, p.72).

Cada gênero textual específico – tais como receita de bolo, manuais, textos de propaganda, dentre outros – são elaborados atendendo a convenções predeterminadas pelos eventos sociais que representam e pela comunidade que neles interagem. O conhecimento das estruturas genéricas e dos padrões retóricos usados para atingir o objetivo comunicativo do texto ajuda o tradutor em sua tarefa, uma vez que o leva a fazer escolhas mais adequadas dos componentes gramaticais e lexicais para o texto traduzido (MAGALHÃES, 2001, p.85).

2.4 CONVENCIONALIDADE

Uma das formas de se observar as marcas que o tradutor deixa no texto que pode revelar que o texto em questão se trata de um texto traduzido é a realização da convencionalidade. É importante, a partir deste ponto, delimitar o que se entende por convencionalidade.

Nos termos utilizados por Tagnin (2005, p.14), a convencionalidade pode ser denominada como “o jeito que a gente diz”. Fala-se aqui de convenção, daquilo que é aceito de comum acordo. As convenções linguísticas são os “jeitos” aceitos pela comunidade que fala determinada língua. O domínio dessas convencionalidades é relevante para o aprendiz de uma segunda língua para não incorrer no que o linguista Fillmore (1979) chama de “falante ingênuo”.

No mesmo texto, Tagnin descreve as peculiaridades encontradas nesse “falante ingênuo”, de acordo com a descrição de Fillmore (1979, apud TAGNIN, 2005), que são:

- a) Ele desconhece os lexemas idiomáticos de uma língua. Embora, por exemplo, ele conheça as palavras *prison* e *jail*⁷ e o sufixo *-er*, formador de substantivos agentivos, esse conhecimento não será suficiente para fazer a distinção entre *prisoner*, a pessoa que está mantida na prisão, e *jailer*, aquele que cuida da prisão.
- b) Ele não conhece as frases idiomáticas da língua, como, por exemplo, *Your goose is cooked*, que significa “você está numa encrenca”. Provavelmente fará uma interpretação da expressão, o que não o ajudará.
- c) Ele não conhece combinações lexicais que não estejam necessariamente baseadas em relações de significado. Ao encontrar-se com a expressão *blithering idiot*, acreditará em *blithering* como adjetivo que pode ocorrer com outros substantivos. É o caso da expressão em

⁷ Tagnin utiliza os exemplos utilizados por Charles Fillmore em seu artigo *Innocence: a second idealization for linguistics* (1979). Berkeley Linguistics society, 5:63-76.

português *velha coroca*, na qual o adjetivo *coroca* necessariamente acompanha-se da palavra *velha*, não ocorrendo em outros substantivos.

- d) Ele é incapaz de julgar a adequação de expressões fixas a certo tipo de situação. Não saberá julgar, por exemplo, quando usar adequadamente as expressões *this hurts me more than it hurts you* ou *knock on wood!* em inglês.
- e) Ele não conhece as imagens metafóricas de uma língua. Ele não vai entender por que *I'll stand behind you* significa “apoiarei você”.
- f) Ele não entende atos de comunicação indireta, nem será capaz de ler nas entrelinhas. Ele vai fazer, como de praxe, uma interpretação literal.
- g) Ele desconhece as estruturas convencionais de diversos textos. Por exemplo, na cultura japonesa é necessário que o primeiro parágrafo faça menção à estação corrente do ano. Nas cartas comerciais em inglês é usual terminar com *Yours truly*, enquanto em português o usual é *Atenciosamente*.

Temos ainda a diferença entre convencionalidade e idiomaticidade. As expressões convencionais na língua referem-se ao surgimento de formas que co-ocorrem de forma frequente, ou que estão ligadas diretamente a situações sociais específicas. Em relação à idiomaticidade, diz-se que uma expressão é idiomática quando seu significado não é transparente, ou seja, o significado não corresponde à somatória do significado de cada um dos elementos. As expressões idiomáticas trazem inúmeros exemplos dessa situação, bem como os verbos frasais. Uma expressão idiomática como *your number is up*, que significa “você vai morrer” só pode ser entendida se previamente tivermos conhecimento da expressão, pois a combinação dos vocábulos não nos levaria a entendê-la tal como o sentido dado a descreve. Da mesma forma o verbo frasal *give up*, que significa “desistir”, precisa do conhecimento prévio da combinação e do seu sentido.

Tagnin (2005, p.15) classifica dois tipos de expressões convencionais: as que estão intimamente ligadas a um fato social (como o exemplo dado acima), e as que se dão por causa de sua forma, por exemplo, a expressão *mundos e fundos*, que não se faz possível inverter a ordem e dizer “fundos e mundos”, e *doce ilusão*, esta também não admite inversão de ordem.

A conclusão apresentada por Stella Tagnin, por meio dessas observações, é a de que todas as expressões idiomáticas são convencionais, mas nem todas as expressões convencionais são idiomáticas. *Feliz Natal* (em inglês *Merry Christmas*) é uma expressão convencional, pois seu sentido é transparente; no entanto, a expressão idiomática *bater as botas* (em inglês *kick the bucket*) não tem seu significado decifrado com a somatória dos significados dos itens lexicais da expressão.

A convencionalidade pode apresentar-se de três formas, assim classificadas em Tagnin (2005 p.17-19): o nível **sintático**, o qual abrange a combinabilidade, sua ordem e sua gramaticalidade; o nível **semântico**, no qual se observa a relação não motivada entre uma expressão e seu significado (exemplo, a expressão *kick the bucket* e seu significado “morrer”); e o nível **pragmático**, o qual abrange a língua em situações de interação entre os falantes.

Stella Tagnin (2005) chama de expressões idiomáticas e convencionais o que Nattinger e DeCarrico (1992) definem como *lexical phrases*. Inicialmente, Nattinger e DeCarrico definem essas expressões como:

“[...] pedaços de língua de tamanhos variados tais como *as it were*, *on the other hand* [...] entre outras. Como tais, são fenômenos lexicais que existem entre os polos tradicionais léxico-sintático, de forma e função convencionalizada que ocorrem mais frequentemente e tem significado idiomático mais determinado do que a língua que é colocada junto⁸. [...]”(NATTINGER; DeCARRICO, 1992, p.1)

Aspecto importante dessas expressões é que elas não são pensadas como unidades, mas como um todo. Por exemplo, quando se diz em inglês *how do you do?* (prazer em conhecê-lo/a), não se entende a expressão como quatro palavras, mas o todo forma um sentido. Além do mais, está dentro do que Tagnin propõe como convencionalidade, pois é uma expressão que acontece em um contexto específico.

Embora também estejam ligadas à convencionalidade, Nattinger e DeCarrico (1992, p.36) faz algumas distinções entre o que são *collocations* (colocações),

⁸ Tradução de “[...] ‘chunks’ of language of varying length, phrases like *as it were*, *on the other hand*, [...], and so on. As such, they are multi-word lexical phenomena that exist somewhere between the traditional poles of lexicon and syntax, conventionalized form/function composite that occur more frequently and have more idiomatically determined meaning than language that is put together each time. [...]” (NATTINGER, DeCARRICO, 1992, p.1)

lexical phrases (expressões idiomáticas e convencionais) e *syntactic strings* (cadeias sintáticas):

Cadeias sintáticas são séries de categorias, tais como NP + Aux + VP, que são geradas pela competência sintática e que são a base de todas as estruturas gramaticais da língua. As colocações são cadeias de itens lexicais específicos, tais como *rancid butter* e *curry favor*, que co-ocorrem com uma expectativa mútua. Não se estabelece para essas colocações função pragmática particular. Por fim, as expressões idiomáticas e convencionais são colocações como *how do you do?* que apresentam função pragmática específica.

As expressões convencionais e idiomáticas podem ser divididas em duas categorias:

- Cadeias de itens lexicais específicos (não produtivas), que não permitem substituição sintagmática ou paradigmática. Podem ser tanto canônicas (de acordo com as estruturas gramaticais da língua) e não canônicas. Exemplos são *what on earth*, e *at any rate*, *by and large*, *as it were* etc.

- Formas generalizadas (produtivas), consistem em cadeias de categorias as quais tem sido dada função pragmática. Na língua inglesa temos, por exemplo, a seguinte cadeia: “Modal + you + VP”, que é utilizada para pedir favores, por exemplo: *Can you pass the salt?* (Pode me passar o sal?) *Would you mind closing the window?* (Você se importaria de fechar a janela?)⁹ etc.

Em relação às colocações (*collocations*), em Nohbert Schmitt (2000, p.77) apresenta dois fatores-chaves para esta noção: o primeiro é que as palavras co-ocorrem juntas e o segundo é que esses relacionamentos têm graus variados de exclusividade. Exemplo é a palavra *blonde* (loiro), que ocorre quase exclusivamente com a palavra *hair* (cabelo).

⁹ Em inglês, a estrutura ‘Modal + you + VP’ também pode ser utilizada para outras funções, por exemplo, oferecer ajuda (*May I help you?*), oferecer alguma coisa (*Would you like some coffee?*), pedir permissão (*Can I sit here?*) entre outras.

A maioria dos autores concorda que existem basicamente dois tipos de colocações: **colocações sintático-gramaticais**¹⁰ e **colocações semântico-lexicais** (SCHMITT, 2000, p.77):

As **colocações sintático-gramaticais** são aquelas que são formadas por uma palavra gramatical (tipicamente um nome ou verbo), seguida de preposição, por exemplo, *abide by* (acatar) e *acquainted with* (familiarizado com). As **colocações semântico-lexicais** consistem nas combinações de palavras de valores “iguais” (como verbo+verbo, nome +verbo etc.). Caso das palavras *spend money* (gastar dinheiro – verbo + substantivo) e *ball bounces* (bola quicando, substantivo + verbo). Nesse caso, as duas expressões contribuem para formar o significado.

Conhecer essas coligações faz-se necessário para o processo tradutório, já que o tradutor precisa construir o texto na língua alvo obedecendo às coligações que se apresentam na língua do texto traduzido. Portanto, saber como essas coligações são elaboradas na língua alvo é fundamental. Por exemplo, ao traduzir do português para o inglês a coligação sintático-gramatical “consistir em”, o tradutor precisa saber que a coligação com o verbo *consist* (que é a tradução de consistir) se forma com a preposição *of*, ficando *consist of*. A tradução literal das preposições *in* e *of* são respectivamente “em” e “de”. É comum esse tipo de erro, sobretudo entre falantes de língua estrangeira que ainda não dominaram essas coligações.

A diferença fundamental entre as expressões idiomáticas e convencionais e as colocações é que as primeiras possuem uma função pragmática específica, o que não ocorre nas colocações. Embora exista uma combinação convencional em *blithering idiot*, ela não serve a uma função pragmática específica, com a expressão idiomática e convencional *as I was saying* (como eu estava dizendo), que tem a função de retomar algum ponto da discussão. Ambas são fundamentais na produção do texto.

A utilização das colocações adequadas a cada situação está no campo do que se entende como registro (SCHMITT, 2000), que descreve as variações

¹⁰ Tradução de *grammatical/syntactic collocations* e *semantic/lexical collocation*.

estilísticas que fazem com que uma palavra ou expressão apresente-se mais ou menos apropriada para certa situação ou propósitos. Para se decidir qual o registro a ser utilizado no texto, é importante considerar o gênero textual que está sendo produzido, as características que podem ser encontradas nesse texto, e as situações nas quais o gênero se apresenta. No caso dos textos que são produzidos em algum gênero acadêmico, o texto vai apresentar um registro com características mais formais, tanto no vocabulário quanto nas estruturas linguísticas utilizadas. Se o texto produzido for um texto traduzido, é importante saber se determinadas escolhas se adéquam ao gênero produzido.

Ainda dentro da questão da convencionalidade, podemos mencionar Duff, que fala sobre as regras não prescritas, que se referem às regras de uso das expressões (DUFF, 1989, p.20). Duff enfatiza que há em praticamente todas as línguas expressões que ocorrem em contextos específicos, e usa algumas expressões como exemplo. Em artigos acadêmicos, por exemplo, encontra-se com frequência a expressão *In the author's opinion; an outstanding example*, que é encontrado em brochuras e livros de guia (DUFF, 1989, p.20).

Os falantes de determinada língua conhecem essas regras que não são prescritas¹¹, e que algumas vezes não correspondem às formas que são utilizadas em nossa língua. A tradução convida a reflexão e a descoberta dessas outras formas de dizer, a descobrir outras convencionalidades, e conseqüentemente, sair da posição de falante ingênuo, nos termos de Fillmore, além de fazer com que o aprendiz de língua estrangeira perceba que muitas vezes ele precisa entender a situação e o texto, e não somente a palavra, ou seja, que traduzir somente a palavra ou o signo pode levá-lo a alguns equívocos.

2.5 EQUIVALÊNCIA E CORRESPONDÊNCIA NO PROCESSO TRADUTÓRIO

A equivalência é uma questão central na teoria da tradução. É uma questão que tem preocupado os tradutores e os teóricos desde sempre. Pode-se dizer

¹¹ Unwritten rules (DUFF, 1989, p.20)

que o problema da equivalência é o nódulo central de quase todas as teorias sobre a tradução (TRAVAGLIA, 2003, p.37). A questão será determinar em quais pontos a equivalência deverá incidir no texto fonte (TRAVAGLIA, 2003, p.37).

Catford (1980, apud TRAVAGLIA, 2003, p.38) aborda a tradução como equivalência de “material textual”. Travaglia observa alguns problemas nessa definição, sendo o conceito de matéria textual. Para Catford, textos e itens da língua fonte e da língua de chegada são equivalentes de tradução, quando comutáveis em determinada situação (CATFORD, 1980, p.104 apud TRAVAGLIA, 2003, p.38). Em relação à abrangência da “matéria textual”, a equivalência da tradução se estabelece quase sempre no nível da frase, que Catford reconhece como a unidade gramatical mais diretamente relacionada com a função da fala dentro de uma situação (CATFORD, 1980, p.54 apud TRAVAGLIA, 2003, p.38).

Nida e Taber (apud TRAVAGLIA, 2003, p.38) entendem a tradução como a busca da equivalência tanto em termos de sentido quanto em termos de estilo. É a reprodução da mensagem, daquilo que foi enunciado, através de um equivalente de sentido e de estilo. Essa definição hierarquiza as duas fases do processo da tradução: a primeira é o sentido e depois a forma e o estilo a ser utilizado no texto traduzido (TRAVAGLIA, 2003, p.39).

As concepções de tradução apresentadas partem do princípio de que há um sentido fixo, pré-determinado presente no texto de origem, e que a tarefa do tradutor seria decodificar, descobrir esse sentido e reproduzido na língua alvo. O sentido, na verdade, não é algo fixo, único. Ele pode estar sujeito a fatores diversos, tais como o tempo, o espaço, experiências e conhecimento que cada leitor leva para o texto (TRAVAGLIA, 2003, p.39-40).

Os proponentes da abordagem da equivalência definem essa como a relação entre o texto fonte e o texto traduzido que permite considerar o texto traduzido como uma tradução do texto fonte (KENNY, 1998, p. 77). A definição acima apresenta certa problemática. Pym (1992, apud KENNY, 1998) mostra que a definição apresentada acima apresenta certa circularidade, pois se supõe que a equivalência define a tradução e a tradução, por sua vez, define a

equivalência. Os teóricos que sustentam que a tradução se baseia em algum tipo de equivalência tem se concentrado em desenvolver tipologias de equivalência.

Em variados níveis, seguindo de forma não rígida Koller (1979; 1989 apud KENNY, 1998), a equivalência é frequentemente estabelecida das seguintes formas:

Equivalência referencial ou denotativa, que pode ser definida como o fato de que as palavras do texto fonte e do texto traduzido evocam as mesmas associações (ou associações similares) na mente dos falantes nativos das duas línguas;

A **equivalência dinâmica ou pragmática**, que se refere ao fato das palavras do texto fonte e do texto traduzido ter o mesmo efeito em seus respectivos leitores.

A **equivalência formal** diz respeito às semelhanças ortográficas e fonológicas que podem ser encontradas entre os textos fontes e o texto traduzido.

Há ainda a **equivalência funcional**, em que o tradutor tem que escolher quais as características a se dar destaque no texto traduzido, visto que, como ressalta Newman (1994, apud KENNY, 1998, p. 77), nem todas as variáveis na tradução são relevantes em todas as situações.

Nos trabalhos iniciais sobre a equivalência, os teóricos fizeram a distinção entre o mapeamento hipotético entre os elementos abstratos do sistema linguísticos (no nível da *langue*) de um lado, e o que o mapeamento real observava entre os elementos presentes no texto fonte e no texto traduzido (no nível da *parole*). Catford (1965, apud KENNY, 1998) usou o termo correspondência formal e equivalência textual para se referir a essas duas categorias.

A visão geral nos estudos da tradução logo veio a ser a de que a equivalência era a relação entre textos de línguas diferentes, ao invés de entre as línguas em si. Esse passo liberou os estudos da tradução dos debates sobre a traduzibilidade interlingual baseado no sistema linguístico como um todo, como

todo seu significado potencial não realizável (KENNY, 1998, p. 78-79). Uma vez a atenção sendo direcionada para os textos e enunciados, muito do que se ponderava sobre os múltiplos sentidos e funções em potencial e estruturas do sistema linguístico poderia ser eliminada pela referência ao contexto e ao co-texto, trazendo uma visão mais realista para o processo tradutório.

Toury (apud KENNY, 1998, p.79) identificou dois usos principais para o termo. No primeiro princípio, a equivalência seria um termo descritivo, que denota objetos concretos – relações atuais entre enunciados reais em duas línguas, reconhecidas como texto fonte e texto traduzido, sujeitas a observações diretas. Essa definição reconhece a equivalência como uma categoria empírica que só pode ser estabelecida após o evento da tradução. O segundo uso descreve a equivalência como um termo teórico, que denota uma relação ideal entre o texto fonte e da tradução.

Essa distinção pode ser problemática. Por exemplo, do ponto de vista do tradutor, não é suficientemente claro se uma distinção real pode ser feita entre o que a pessoa pretende escrever e o que ela de fato escreve. Além do mais, o termo equivalência enquanto termo teórico, noção prospectiva é às vezes prescritiva, é responsável pelo mau nome da equivalência dentro dos estudos da tradução¹² (KENNY, 1998, p.79).

A categoria empírica descrita por Toury tem muito em comum com o que Catford (apud KENNY, 1998, p.80) chama de equivalência textual. Define-se equivalência textual como qualquer forma da língua alvo que se observa como sendo equivalente de uma língua fonte dada. As formas de equivalência podem ser analisadas ou pela intuição do leitor bilíngue, ou por métodos mais formais.

Baker (1994, apud SOBRAL, 2008, p.75) distingue entre quatro tipos de equivalência, que são as seguintes: no nível da palavra (palavras da língua-fonte e seus equivalentes na língua alvo); no nível das categorias gramaticais (algo que se mostra mais complexo, fazendo com que a autora fale da diferença entre essas categorias); no nível textual (equivalência em termos de coesão e informatividade) e no nível pragmático.

¹² [...] equivalence as a theoretical term, a prospective and often prescriptive notion, is responsible for acquiring a bad name for equivalence in some quarters in translation studies. [...] (KENNY, 1998, p.79)

Sobral (2008, p. 76) observa que um tradutor dificilmente vai trabalhar com as palavras, depois com a gramática, em seguida com o texto e finalmente com os pressupostos e implícitos, visto que a cada um desses níveis se integra a outros e determinam juntos o sentido. Ainda segundo Sobral, os problemas que alguns autores apresentam que se relacionam com equivalência poderiam ser mais bem abordados por meio da ideia de correspondência, que é definida como recursos de criação de sentido de uma língua que podem ser recriados por meio dos recursos existentes numa outra língua de forma a produzir efeitos de sentido semelhantes.

De acordo com Sobral (2008, p.81), pensar a interpretação enquanto a busca de correspondências entre os sentidos criados numa língua e a possibilidade de criação dos sentidos em outra língua implica pensar nas línguas não como compostas por elementos equivalentes ao de outras línguas, mas como compostas por formas de expressão que usam esses elementos para criar, no âmbito de uma dada cultura formada por diferentes expressões, sentidos que a operação de tradução pode fazer corresponder a sentidos que não são exatamente iguais ou equivalentes, mas podem criar efeitos de sentido semelhantes.

A impossibilidade de se trabalhar estritamente com equivalências aconteceu visto que cada língua difere-se porque surgem e se desenvolvem em contextos sociais e históricos diferentes que não possui equivalência com outros contextos (SOBRAL, 2008, p.81).

A ideia de correspondência implica que a tradução/interpretação exprime numa língua sentidos que foram expressos em outra língua, nos termos específicos dessa outra língua, o que implica em ajustes, adaptações, dentre outras maneiras de ajuste textual (SOBRAL, 2008, p.81). Assim, trata-se de um processo complexo no qual é mais importante transmitir a atitude do usuário diante de outro usuário do que traduzir a palavra em si (SOBRAL, 2008, p. 82). Sobral ainda ressalta que traduzir as palavras ou textos sem levar em consideração o contexto histórico e cultural pode levar ao não entendimento do texto por parte do leitor.

Uma vez que as línguas são diferentes, mas não ao ponto de não possuírem nada em comum, a tradução cria numa língua efeitos de sentido semelhantes aos de outra língua. Falar de 'efeitos de sentido' significa dizer que não existem sentidos fixos numa língua que seriam equivalentes a outros sentidos fixos em outra língua, mas é possível descobrir correspondências e maneiras de indicar em outra língua o tipo de compreensão e reação que o usuário de uma língua espera de quem vai entender o que ele exprime (SOBRAL, 2008, p.82).

Assim, o tradutor elabora e expressa em outra língua aquilo que é expresso de uma maneira dada numa língua, considerando a correspondência entre os modos de expressão das duas línguas envolvidas. Isso leva à compreensão de que o que é expresso no texto traduzido é mais do que o sentido das palavras e frases que formam o texto. O que é expresso é o sentido pretendido no texto fonte e que foi percebido pelo tradutor por meio da leitura.

2.6 LEITURA ESTEREOSCÓPICA E TEORIA DA RELEVÂNCIA

A descrição da abordagem proposta pela leitura estereoscópica e pela teoria da relevância se faz relevante para o trabalho, visto que as análises que foram realizadas utilizaram dos princípios teóricos propostos por esses referenciais teóricos.

A leitura estereoscópica é um termo apresentado por Marilyn Gaddis Rose no livro *Translation and Literary Criticism* (1997), e consiste na leitura de textos paralelos, ou seja, o texto da língua original e uma ou mais traduções deste mesmo texto. Segundo a autora, a leitura estereoscópica torna possível observar o interlíngua que se pode identificar como território que se abre quando se faz a tradução.

Quando se realiza essa leitura, é possível identificar nuances que não seriam percebidas somente com a leitura de um dos textos. No caso do texto que foi estudado, ele consiste em textos de línguas distintas: o texto fonte em língua portuguesa, e as traduções para a língua inglesa. Tem-se a primeira versão

traduzida deste texto e depois a tradução entregue, devidamente revista pelos revisores em conjunto com os alunos-tradutores participantes do projeto.

A leitura estereoscópica é o primeiro passo da análise, pois esta possibilita observar as nuances do texto e também o uso da convencionalidade – ou seja, observar se as escolhas lexicais apresentadas no texto traduzidos são as mais adequadas na outra língua. Por meio da leitura estereoscópica, podemos comparar as escolhas que foram feitas de forma mais pontual, os procedimentos de tradução utilizados (se o tradutor opta por um procedimento de tradução literal ou livre), avaliando essas escolhas à luz da teoria da relevância.

A teoria da relevância pode ser entendida como uma tentativa de resolver em detalhe uma das afirmações centrais de Grice: a de que uma característica essencial da maior parte da comunicação humana, verbal e não verbal, é a expressão e o reconhecimento de intenções. A aplicação da teoria da relevância tem como objetivo observar se as escolhas mantêm pontos de relevância similares com o texto original.

As escolhas realizadas pelo tradutor tem como meta a produção de um determinado efeito, conforme observa Travaglia,

O processo, ou trabalho de escolhas, não acontece de maneira aleatória, por acaso. Ao preferir um termo a outro, uma construção a outra [...], o produtor tem um motivo que o norteia: o desejo de significar algo. Assim as suas escolhas visam sempre produzir um certo efeito. [...] (TRAVAGLIA, 2003, P.113)

De certa forma, a autora fala aqui da questão estilística no texto traduzido, que está ligada a questão do gênero textual e também do efeito almejado. Pode-se ver aqui que as escolhas que são realizadas pelo tradutor procuram realizar um determinado efeito, e que na tradução este seria o mais próximo possível do efeito encontrado pelo texto original. Em relação ao gênero a ser produzido (previamente determinado pelo texto fonte), a maior liberdade na realização das escolhas está ligada ao texto a ser traduzido.

No caso do gênero guia turístico, um dos gêneros utilizados para as nossas análises, ele permite escolhas diversas ao tradutor. Seria diferente se o gênero fosse um documento oficial, pois caso fosse seria necessário estudar as

realizações convencionais deste gênero na língua estrangeira – como, por exemplo, em inglês, uma carta formal geralmente começa com *Dear Sir/Madam*, já esse mesmo gênero textual inicia geralmente com *Ilmo Sr/Sra* (*nome e sobrenome da pessoa*).

Também foi feita a análise por meio da aplicação da **teoria da relevância**. Todas as teorias de comunicação, desde Aristóteles até à Semiótica moderna se baseavam num modelo semiótico. Segundo esse, a comunicação é conseguida através da codificação e da decodificação de mensagens. Outros filósofos, como Paul Grice e David Lewis fizeram a proposta de um modelo bastante diferente, que é o modelo inferencial. Nesse, a comunicação é conseguida através da produção e da interpretação das evidências (SPERBER; WILSON, 2001, p.27). Na comunicação verbal se encontram envolvidos processos tanto de codificação como inferenciais, assim tanto o modelo semiótico como o modelo inferencial podem dar a sua contribuição para o estudo da comunicação verbal.

A questão mais preocupante para a Pragmática de Grice tem a ver com a definição da relevância, uma vez que ele deixou a Máxima da Relação (“ser relevante”) relativamente mal resolvida. A teoria da relevância, como explica o prefácio de Deirdre Wilson (2001), inicia como uma tentativa de responder a algumas questões levantadas pela abordagem de Grice, mas ganhou um aspecto muito diferente.

Assim, a teoria da relevância (SPERBER; WILSON, 2005) pode ser entendida como uma tentativa de resolver em detalhe uma das afirmações centrais de Grice, que é a de que uma característica essencial da comunicação humana – da maior parte dela – é a expressão e o reconhecimento de intenções. A afirmação central da teoria da relevância é a de que expectativas de relevância geradas por um enunciado são precisas e previsíveis o suficiente para guiar o ouvinte na direção do significado do falante.

De acordo com a teoria da relevância, enunciados geram expectativas de relevância não porque os falantes obedecem a um princípio de cooperação ou a alguma outra convenção comunicativa, mas porque a busca pela relevância é uma característica básica da cognição humana (SPERBER; WILSON, 2005).

Sperber e Wilson se baseiam numa definição de relevância e em dois princípios gerais: o *Princípio Cognitivo* de que a cognição humana tende a dirigir-se para a maximização da relevância; e o *Princípio Comunicativo* de que as elocuições criam expectativas de relevância. A relevância é vista como uma propriedade das entradas de dados para processos cognitivos. Aquilo que faz com que uma entrada de dados valha a pena ser processada é explicado em termos das noções de *efeito cognitivo* e de *esforço de pensamento* (SPERBER; WILSON, 2001, p.10).

Quando uma entrada de dados é processada, ela poderá dar como resultado algum efeito cognitivo por meio da modificação ou da reorganização das suposições. Em igualdade de condições, quanto menor é o esforço de processamento requerido, maior é a relevância.

Para exemplificar, Wilson propõe a seguinte situação: Pedro acorda adoentado e procura um médico. Após examiná-lo, o médico pode dizer a ele qualquer uma das seguintes declarações verdadeiras: (1) *Está doente*, ou (2) *Está com gripe*, ou (3) *Está com gripe ou 29 é a raiz quadrada de 843*. Todas as elocuições seriam relevantes para Pedro, mas (2) seria mais relevante do que (1) e (3) pois tem mais efeitos cognitivos: permite a ele fazer a derivação de todas as consequências derivadas de (1), e mais ainda. A declaração (2) é a mais relevante porque consegue os maiores efeitos, através de um menor esforço de processamento.

Segue-se do Princípio Cognitivo da Relevância que a atenção humana e os seus recursos de processamento estão dirigidos para as informações que parecem relevantes. Segue-se do Princípio Comunicativo da Relevância que uma pessoa falante, pelo próprio ato de estar a dirigir-se a alguém, cria expectativa de relevância. Uma elocução é *otimamente relevante* quando é bastante relevante para valer a pena ser processada.

A teoria da relevância defende que a comunicação explícita não é simplesmente uma questão de descodificação, mas que existe nela também um elemento de inferência: por exemplo, no que se refere à desambiguação e à atribuição referencial. O conceito comunicado pela utilização de uma palavra tem a possibilidade de ir para além do seu significado literal codificado. Poderá

ser um *estreitamento* do significado literal ou um *alargamento* desse. Ambos os processos parecem aplicar-se espontânea e automaticamente à medida que vão sendo entendidas as elocuições (SPERBER; WILSON, 2001, p.14).

Como exemplo da noção de estreitamento, tomemos a palavra *ave* no seguinte exemplo, dado por Wilson, com a palavra 'ave': *No natal, a **ave** estava deliciosa*. No exemplo dado, a palavra 'ave' seria entendida como algo parecido com peru. Isso acontece motivado, segundo a teoria da relevância, pela procura da relevância. Quando o significado literal codificado não satisfaz a expectativa de relevância, o ouvinte tem o direito de estreitar até o ponto em que é satisfeita essa expectativa.

Como exemplo da noção de alargamento, Wilson dá o seguinte exemplo, com a palavra 'chato': *O meu bairro é **chato***. Literalmente, chato significa uma superfície perfeitamente plana. Não se aplica esse conceito a um bairro, pois esse significado literal não atende a expectativa de relevância do ouvinte. Assim, o ouvinte tem o direito de estender o significado até o ponto em que a expectativa é satisfeita. No exemplo em questão, pode-se entender a palavra como 'monótono'.

Para a análise em questão, o importante foi observar as questões do esforço de processamento, e também os efeitos cognitivos que foram obtidos com determinadas escolhas lexicais e com o uso de determinados procedimentos da tradução. Quando uma entrada de dados (enunciado, por exemplo) é processada dentro de um contexto de suposições possíveis, ela pode dar algum efeito cognitivo pela modificação ou reorganização das suposições. Quanto maiores são os efeitos cognitivos conseguidos, maior é a relevância. Da mesma forma, quanto menor é o esforço de processamento, maior é a relevância.

A escolha de determinadas soluções – por exemplo, um item lexical inadequado, que não atenda a questão convencionalidade de determinada língua – pode levar a um esforço de processamento que torna mais problemática a questão de se estabelecer a relevância deste enunciado. Nattinger e DeCarrico (1992, p. 19) observam que determinadas palavras,

formas são esperadas em determinados contextos, e que seu uso evita que o interlocutor tenha que usar de um esforço de processamento desnecessário.

2.7 CORPORA E TRADUÇÃO – COCA E LINGUEE

Outra ferramenta a auxiliar algumas análises da tradução do PROJETUR são os programas de corpora. Algumas listas que foram geradas e colocadas nos anexos foram dos seguintes programas: COCA – *Corpus of Contemporary American English* – e *Linguee*. Falaremos desses programas mais adiante.

Kenny (1998, p.51) define a linguística de corpora como o ramo da linguística que estuda a língua com base nos corpora. De acordo com Schmitt (2000) corpora (a forma singular é corpus) são vastas coletâneas de língua, que incorporam extensões de discurso formado de algumas palavras até livros inteiros. Assim, para a linguística de corpus, um corpus é uma coletânea de textos¹³, que se encontra em formato eletrônico. A definição de Kenny é similar a que Viana apresenta (2008, p.31 apud VIANA 2010, p.27).

Kenny (1998, p.51) nos mostra alguns tipos de corpora disponíveis: temos os corpora monolíngues, tais como o *British National Corpus*¹⁴, que abrange uma coletânea de cerca de 100 milhões de textos, de fontes diversas, gerenciado pela BCN Consortium, administrada pela Oxford University Press, e o *Cobuild Bank of English*, que abrange cerca de 200 milhões de palavras (KENNY, 1998, p.50).

A linguística de corpus usa uma abordagem empírica para a descrição das línguas, insistindo na primazia da autenticidade, atestada pelos exemplos de uso. Holmes (1988, p.101 apud KENNY, 1998, p.50) expressou uma insatisfação com o uso introspectivo pelos teóricos da tradução. Toury (1980^a, p. 79-81, apud KENNY, 1998, p.50) publicamente criticou as abordagens que

¹³ É interessante frisar que texto aqui se refere às modalidades escrita e oral, ou seja, as manifestações linguísticas que encontramos em suas diversas manifestações.

¹⁴ Disponível em <http://www.natcorp.ox.ac.uk/> Acesso em: 6 set. 2012.

viam a tradução de forma idealizada, especulativa, ao invés de fatos observáveis.

Ao falar sobre linguística de corpora, dada a definição mencionada, é relevante observar como se define texto dentro desse ramo da linguística, que difere do conceito que adotamos nesse trabalho. Para a linguística de corpus, texto é “[...] exemplo de língua em uso, falada ou escrita: pedaço de comportamento de língua que aconteceu naturalmente, sem a interferência do linguista. [...]” (STUBBS, 1996, p.4 apud KENNY, 1998, p.50).

Atkins (1992, apud KENNY 1998, p. 50) observa que o que difere os corpora de outros programas (como, por exemplo, arquivos ou biblioteca de textos eletrônica) é o fato de que esses são construídos de acordo com critérios explícitos. Critérios para elaboração de corpora envolvem decisões, tais como se os textos a serem incluídos serão textos orais ou escritos, o período que esses corpora vão abranger, e se exemplos de textos inteiros serão incluídos. Uma vez que os textos tenham sido selecionados para serem incluídos num corpus, a decisão a ser tomada é como eles devem ser representados no formato eletrônico.

Sardinha e Almeida (2008, p.24) fizeram um levantamento no sítio do CNPq, com o intuito de fazer um levantamento dos pesquisadores que trabalham com pesquisa de corpora no Brasil. A pesquisa demonstrou que o número de pesquisadores nessa área é menor do que o número de outras áreas, como a da linguística do texto e da linguística aplicada. Uma das razões para essa realidade se deve ao fato de a linguística de corpus ser ainda bastante jovem no país.

Sardinha e Almeida (2008, p.26-28) ainda mencionam alguns corpora que foram criados e foram/ são mantidos no Brasil, dentre eles podemos mencionar: o Banco de Português, que foi criado no âmbito do grupo de pesquisa Direct (PUCSP). Na versão 2 possui 750 milhões de palavras, de fala e escrita, de português contemporâneo; o *Corpus* de Araraquara (BORBA, 2004 apud SARDINHA; ALMEIDA, 2008, p.27), que possui cerca de 90 milhões de palavras; e o Linguateca, que constitui um centro de recursos para o

processamento computacional da língua portuguesa, e que objetiva servir à comunidade que se dedica ao processamento do português.

Viana (2010) destaca que os corpora podem ser classificados de acordo com critérios distintos. A figura que segue, apresentada por Viana (2010), é uma proposta de classificação desses corpora:

| Critérios | | Corpus | | |
|-------------|--------------------------------|---|----------------------------|----------------------------|
| Abrangência | | Geral Especializado | | |
| Meio | | Oral Escrito | | |
| Tempo | Números de períodos históricos | Sincrônico Diacrônico | | |
| | Relação com a atualidade | Contemporâneo Estático | | |
| Renovação | | Dinâmico Estático | | |
| Línguas | Números | Monolíngue Multilíngue | Paralelos Não paralelos | Alinhados Não alinhados |
| | Produtores | De primeira língua (L1) De segunda língua (L2) De língua estrangeira (LE) | | |
| Emprego | Estudo Referência | | | |

Quadro 1: Taxonomia de *corpora* (VIANA, 2010, p.30).

No que tange à abrangência, o corpus pode ser compreendido como geral ou especializado. Viana dá exemplo de corpus geral o *British National Corpus* (BNC) e o *American National Corpus* (ANC), que objetivam documentar o uso da língua inglesa. Como exemplo de corpus especializado, Viana cita o COMPARA, que visa registrar o uso das línguas portuguesa e inglesa em textos literários originais e traduzidos (VIANA, 2010, p.30).

A partir do critério do meio em que são veiculados os textos, um corpus pode ser designado como oral e escrito. Viana cita o Projeto C-ORAL-ROM, que é um conjunto de corpora orais de línguas românicas tais como o espanhol, o francês, italiano e português. O *corpus negr@*, por outro lado, é citado por Viana como exemplo de corpus escrito, pois este corpus procura representar a língua alemã tal como ela é utilizada em textos jornalísticos (VIANA, 2010, p.31).

Em relação aos períodos que os corpora procuram representar, podemos defini-los como sincrônicos ou diacrônicos. Aqueles buscam atestar o uso da linguagem em um espaço de tempo determinado, como é o caso do Mac-Morpho, que contém textos publicados na Folha de São Paulo do ano de 1994. Esses buscam representar determinada língua em diversos períodos de tempo, e, como exemplo, Viana cita o *Corpus do Português*, que foi desenvolvido por Mark Davies e Michael J. Ferreira, e que é formado por textos dos séculos XIV ao XX.

Com relação à atualidade, Viana (2010, p.32) menciona o *Corpus of Contemporary American English*. Um corpus histórico que é mencionado por Viana é a coletânea de textos Tycho Brahe, que contempla textos em português de autores nascidos entre os séculos XIV e XIX (VIANA, 2010, p.32).

Outro critério de classificação é o da renovação ou não dos dados do corpus. No caso de o material linguístico ser constantemente alterado com o intuito de refletir as mudanças no uso da língua, o corpus se denomina dinâmico, e Viana cita como exemplo de corpus dinâmico o *Collins Wordbanks Online*. Os corpora estáticos, que correspondem a maior parte dos corpora, são aqueles que não permitem a inclusão e exclusão de dados (VIANA, 2010, p.32).

Os corpora podem ser também multilíngues. Viana cita como exemplo de corpus multilíngue o *Corpus de Tradução (CorTrad)*¹⁵, que foi desenvolvido na Universidade de São Paulo. O corpus é composto de textos originalmente escritos em língua portuguesa e suas respectivas traduções para a língua inglesa, e vice-versa (VIANA, 2010, p.32-33).

Há ainda os corpora que abordam a língua pelo viés dos produtores dos textos que formam o corpus. Um exemplo é o *Louvain Corpus of Native English Essays (LOCNESS)*, que contempla redações em inglês produzidas por britânicos ou americanos. Outro exemplo é o projeto o *International Corpus of Learner English (ICLE)*, que é descrito na literatura como 'de aprendiz' (VIANA, 2010, p.33).

Baker (1995 apud KENNY, 1998, p.51) descreve alguns tipos de corpora que podem ser úteis para o tradutor e para estudiosos da tradução. Um deles é o corpus paralelo, que consiste em textos originalmente escritos numa língua ao lado de sua tradução. Uma aplicação típica desses corpora inclui o treinamento de tradutores. Malmkjaer (1993, apud KENNY 1998 p. 51) sugere também que os corpora paralelos podem ser fonte de informação útil para investigar as diferenças entre a aquisição da língua materna e de língua estrangeira.

Como ressalta Schmitt (2000, p. 71), a informação mais elementar que se pode obter estudando a língua por meio de algum corpus é o quão frequente determinada palavra ocorre. Para apresentar essa informação, o programa conta o número de ocorrências (ou *tokens*) de uma determinada palavra. Quando se observa que uma determinada palavra é de ocorrência muito alta, vê-se a relevância de aprendê-la.

Outra questão levantada por Schmitt (2000, p. 73) é a de que as palavras mais frequentes na língua inglesa tendem a serem as *palavras gramaticais*, também conhecidas como *palavras funcionais*, que são palavras que possuem pouco ou nenhum significado, e contribuem primordialmente com a estrutura gramatical da língua. Outra questão que Schmitt observa é a de que o discurso falado e o discurso escrito diferem consideravelmente. Palavras como *know*,

¹⁵ Disponível em http://www.fflch.usp.br/dlm/comet/consulta_cortrad.html Acesso em: 19 ago. 2013.

well, got, think e right aparecem com mais frequência na fala do que na escrita (SCHMITT, 2000, p.73).

Outra informação que se pode depreender estudando a língua em algum corpus é a questão das colocações. Entende-se por colocação a tendência de duas ou mais palavras co-ocorrerem num discurso (SCHMITT, 2000, p.76). Sinclair (1991) distingue entre o princípio da escolha aberta e o princípio idiomático. O primeiro considera o caráter criativo da língua, e que na maioria das vezes existe uma vasta variedade de combinações possíveis. Esta é uma forma tradicional de se ver a língua. Sinclair ainda ressalta que todas as gramáticas são construídas por esse princípio (SCHMITT, 2000, p.76). Já o princípio idiomático observa que algumas combinações são limitadas. Por exemplo, não há razão para se justificar que não se pode dizer em inglês *put something on fire* (colocar alguma coisa em fogo), no entanto a comunidade de falantes da língua inglesa sabe que se diz *set/ start something on fire*.

A maioria dos autores descrevem dois tipos básicos de colocações, que são a colocação sintático/gramatical e a colocação semântico/lexical (SCHMITT, 2000, p.77). Esta se refere ao tipo no qual uma palavra dominante combina com uma palavra gramatical (em geral uma preposição). Por exemplo, podemos mencionar *abide by, access to e acquainted with*. Colocações lexicais referem-se a combinações de palavras “iguais”, por exemplo, a combinação de dois substantivos, ou a combinação de verbo e substantivo. Uma combinação de dois substantivos em inglês é *ball bounces* (quiques de bola), e uma combinação de verbo e substantivo é *spend money* (gastar dinheiro) (SCHMITT, 2000, p.77).

No estudo da convencionalidade pode ser observada a relevância no uso de programas de corpora. Por exemplo, a questão da frequência de determinadas palavras em determinado gênero textual (falado ou escrito) pode contribuir na elaboração de textos, e também com a habilidade da escrita. No processo de tradução, corpus pode ser um auxiliar eficiente para verificar se as escolhas obedecem a determinadas convencionalidades e se aquelas escolhas podem ser possíveis ou não para determinado texto, no caso de verificar corpus monolíngue.

No caso de corpus paralelo, algumas vantagens emergem, uma delas é auxiliar na verificação de possíveis soluções para determinados trechos de tradução que eventualmente apresentem alguma dificuldade no processo tradutório. Além do mais, esse contato com diferentes soluções podem ajudar na aquisição da linguagem e na aprendizagem de língua estrangeira.

Apresentamos aqui os programas utilizados para realizar algumas análises. Algumas listas de palavras foram geradas a partir desses dois programas que estão disponíveis pela internet. Por meio da análise de algumas palavras em uso, as listas geradas fornecem dados para justificar ou não a adequação de determinadas escolhas na tradução. Esses programas são o COCA (*Corpus of Contemporary American English*) e o Linguee.

O COCA é um programa de corpus desenvolvido pela Brigham Young University pelo linguista Mark Davies, da mesma instituição, e é utilizado por cerca de dez mil usuários a cada mês, dentre os quais estão linguistas, professores, tradutores e outros pesquisadores.

O corpus também permite limitar facilmente buscas por frequência e comparar a frequência de palavras, frases e construções gramaticais, em pelo menos duas maneiras principais: Por gênero: comparações entre falada, ficção, revistas populares, jornais e acadêmico, ou mesmo entre sub-gêneros (ou domínios), como roteiros de filmes, revistas esportivas, editoriais de jornais, ou revistas científicas, ou por período, comparando anos diferentes, de 1990 até 2012.

Partindo os critérios de classificação que são propostos por Viana, mencionados anteriormente, o COCA pode ser definido como:

- monolíngue, pois apresenta coletâneas de textos somente na língua inglesa;
- dinâmico, pois é alterado. Viana (2010, p. 32) destaca que o corpus compreende coletâneas que abrange textos entre os períodos de 1990 a 2009. No site do COCA, ele descreve que a última atualização ocorreu no ano de 2012;

- diacrônico, uma vez que podemos traçar tanto um estudo da língua em um determinado espaço de tempo quanto verificar as mudanças em períodos diversos.

O Linguee é descrito no site como um dicionário redacional capaz de vasculhar cerca de 100 milhões de textos bilíngues em busca de palavras e expressões. Os resultados de uma busca no Linguee estão divididos em duas partes. À esquerda da página você verá os resultados provenientes do dicionário redacional cujas entradas foram revisadas pela redação do Linguee. À direita encontram-se os exemplos de frases provenientes de outras fontes, onde você poderá verificar o contexto da palavra ou expressão procurada.

Podemos colocar o Linguee na categoria de corpus paralelo, e fornece não somente traduções de inglês-português, mas também em outras línguas, como o português-francês, português- alemão. A utilização dessa ferramenta se mostra útil não só para as análises que foram realizadas. Mostra-se uma ferramenta útil para estudiosos da tradução e também tradutores em formação. Desses dois sites de corpora foram geradas algumas listas que se mostram úteis para ratificar algumas análises e discutir a questão da convencionalidade no processo tradutório.

2.80 PAPEL DA TRADUÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUAS

O objetivo de se escrever sobre o papel da tradução no ensino de línguas estrangeiras se dá pelo fato de que as análises que foram realizadas neste trabalho oferecem elementos que são relevantes para a reflexão do ensino e aprendizagem de línguas mediante a atividade de tradução. Portanto, uma revisão de alguns escritos sobre o assunto pode ajudar nessa reflexão.

A tradução, atividade condenada nas metodologias surgidas na década de XX, retoma sua força como ferramenta capaz de contribuir na construção do significado. Uma das críticas que se faz ao uso da tradução no ensino de línguas deve-se ao uso da abordagem de gramática e de tradução, que se

caracteriza por memorização de vocabulário e formas gramaticais, e por tradução de frases fora de contexto.

Segundo Cook (1998, p.117), uma das razões pelas quais a tradução foi renegada no ensino de língua estrangeira foi a reação acadêmica contra esta atividade, que se deve a influência da abordagem de gramática e de tradução, que se tornava então o estereótipo do uso da tradução no ensino de línguas. Apesar de mal visto, é bom ressaltar que essa abordagem ainda é bastante utilizada nos dias de hoje¹⁶.

A realidade de nossas salas de aula pode ser umas das razões que contribui para a popularidade desta metodologia. Esta metodologia é uma das poucas que podem ser adaptadas para salas de aula com muitos alunos e, sendo estruturada e previsível, pode dar aos alunos uma sensação de aprendizagem, de confiança naquilo que foi apresentado. A metodologia tradução-gramatical também se apresenta apropriada para professores cujo conhecimento linguístico na língua estrangeira se mostre limitado (COOK, 1998, p. 118).

No artigo *La traducción como estrategia cognitiva em El aprendizaje de segundas lenguas*, Casado e Guerrero (1993) reconsideram o lugar da tradução na aprendizagem de segunda língua a partir de um enfoque positivo do contato entre as duas línguas. As autoras observam que a história da didática das línguas estrangeiras é marcada por uma dicotomia clássica (CASADO; GUERRERO, 1993, p.394). De um lado, as metodologias tradicionais, também denominadas métodos passivos, visto que eram baseadas no ensino do léxico e na gramática explícita. Do outro lado, os métodos “modernos”, também conhecidos como métodos ativos se comparados aos primeiros, pois eram focados na prática oral em situações concretas e num ensino implícito da gramática.

O papel da tradução nessas metodologias sempre foi polêmico, passando de um dos principais pilares do ensino para a ovelha negra de outras metodologias (CASADO; GUERRERO, 1993, p.394). Os então novos métodos áudio orais começaram a ser utilizados nos primeiros anos do século XX

¹⁶ Cf. BROWN, H.D. *Teaching by Principles: An Interactive Approach to Language Pedagogy*. 2.ed. San Francisco: Longman, 2001, p.18-19.

tinham em comum a eliminação da tradução e da língua materna como método de aprendizagem de línguas estrangeiras. Nos anos 60, as teorias linguísticas comportamentais, que consideravam a aquisição de uma segunda língua como um processo mecânico de formação de hábitos, defendiam métodos de aprendizagem baseados na repetição, normalmente fora de contexto, destinadas a criar reflexos verbais (CASADO; GUERRERO, 1993, p.395). A tradução de uma língua para outra é vista como indesejável.

Carraro e Guerrero mostram que em estudos mais recentes não há mais a ruptura total com a língua materna. A língua materna atua como um filtro da segunda língua, como instrumento a partir do qual o aprendiz reestrutura ou reorganiza a experiência na língua estrangeira (CASADO; GUERRERO, 1993, 395). A reconsideração da tradução como ferramenta de ensino é uma das contribuições das metodologias funcionais e comunicativa. A presença da língua materna no ensino de língua estrangeira deixou de ser um mal necessário para se transformar num instrumento que pode ser utilizado para fins construtivos (CASADO; GUERRERO, 1993, p.397).

Duff (1989, p.6-7) aponta algumas razões que justificam o uso da tradução como atividade que contribui para o aprendizado de línguas:

1. A influência da língua materna

Como Casado e Guerreiro (1993) também mencionam, Duff (1989) observa que a língua materna molda a nossa forma de pensar e ver o mundo. Além do mais, a língua materna também influencia a nossa forma de usar a língua estrangeira. A tradução, nesse sentido, ajudar-nos-ia a entender melhor essa influência e corrigir erros que em geral continuam sem ser percebidos.

2. Tradução como um processo natural

Não só a tradução é um processo natural, como também ela é uma atividade que ocorre com frequência. Fora da sala de aula é uma constante: em escritórios, em bancos e aeroportos. A tradução ocorre todo o momento. Assim, por que não ocorrer dentro das salas de aula?

3. A questão da habilidade

A competência linguística é de via dupla, e não um sistema de uma só via. É preciso que sejamos capazes de comunicarmos na língua estrangeira e também sermos capazes de retornar para a língua materna, como muitos profissionais precisam fazer em seu dia a dia. A tradução é a atividade ideal para desenvolver essa habilidade.

4. A realidade da língua

O material apropriado para a tradução é o material autêntico, não material 'adaptado'. **Todos os gêneros de texto** são relevantes para a tradução, bem como todo tipo de registro, tanto o registro escrito quanto o oral. **A tradução não precisa estar confinada ao texto literário** (DUFF, 1989, p.6, grifo nosso).

É importante ressaltar, neste ponto, que a tradução é um processo natural, sendo praticamente inevitável não ocorrer, mesmo entre os estudantes que são submetidos aos mais ortodoxos métodos diretos (COSTA, 1988, p.285). Embora o professor proíba a tradução em voz alta, o aprendiz associa o objeto ou termo da língua estrangeira a outro termo na língua materna (CASADO; GUERRERO, 1993, p.396).

A noção de que a tradução é inerente ao ser humano foi bastante discutida nos encontros *Tradução e Ensino*, que aconteceram no decorrer dos anos de 2004 a 2006, no auditório Décio Neves Cunha, na Universidade Federal do Espírito Santo. Os encontros do *Projeto 5º Habilidade: Tradução e Ensino* foram promovidos pelo Núcleo de Pesquisas em Tradução e Estudos Interculturais (TEI), que é coordenado pela Professora Dra. Lillian DePaula. Nesses encontros, que aconteciam nas tardes de sábado, especialistas nas áreas de metodologia do ensino de língua estrangeira discutiam sobre o papel da tradução em diferentes períodos históricos e refletiam as razões que fizeram com que a tradução voltasse a ser pensada no ensino de língua estrangeira (DEPAULA, 2007, p.87).

As autoras Casado e Guerrero (1993, p.398-400) ainda apresentam neste artigo os conceitos de tradução explicativa e tradução pedagógica. Esta se

refere ao uso da tradução como instrumento de aprendizagem, que se realiza por meio de atividades didáticas. Destaca-se o fato de que a tradução como atividade em si mesma permite que se coloquem em jogo conhecimentos linguísticos – lexicais, gramaticais, pragmáticos – de uma maneira mais precisa do que outros procedimentos didáticos. Aquela se dá quando a língua materna é utilizada para dar esclarecimentos sobre a língua estrangeira. As autoras citam algumas situações em que a tradução explicativa se apresenta como um recurso plenamente justificado, entre eles estão a explicação dos falsos cognatos e das palavras de caráter designativo (CASADO; GUERRERO; 1993, p.399).

Cook (1998) observa que há uma crescente preocupação pelo fato de que os alunos têm apresentado uma deficiência nos aspectos formais da língua, provavelmente resultado do foco exclusivo na comunicação, no sentido. Uma das virtudes da tradução enquanto atividade é que o aprendiz, devido ao texto original, não pode se ater às estratégias de evitar determinadas passagens e obrigado a confrontar áreas da língua estrangeira que ele pode achar difíceis (COOK, 1998, p.119) Outra vantagem é a de ver a adequação das expressões a serem utilizadas e de conscientizar de forma efetiva a questão dos usos e das colocações.

DePaula (2007, p.91) observa que é bastante comum que os alunos de língua estrangeira sejam levados pelo signo e não pelo sentido da palavra, optando pelo procedimento de tradução literal, mesmo que os resultados desses procedimentos resultem num trecho que pareça estranho, ou que faça pouco sentido. O exemplo dado para ilustrar essa situação é do verbo frasal “sign on”, que significa “começar (um cargo)”, “empregar” ou “contratar”. Os verbos frasais estão dentro do que entendemos como idiomaticidade, visto que seu significado não pode ser apreendido pela união dos sintagmas, ou considerando o significado desses elementos do sintagma isoladamente. Assim, é possível cair na cilada de traduzir “sign on” com “assinar sobre” (DEPAULA 2007, p.92), o que mostraria desconhecimento da expressão convencional, e também cairia no que Fillmore chama de falante ingênuo, mencionado anteriormente.

Travaglia (2003, p. 180) observa que ensinar a traduzir, no contexto de retextualização, é muito mais do que ensinar a decodificar ou transcodificar. Nesse contexto, ensinar a traduzir é trabalhar com texto enquanto um todo e enquanto marcas colocadas pelo autor com a finalidade de dizer algo a alguém em dada circunstância. Uma vez que a comunicação se faz por textos, o ensino de uma segunda língua será mais lógico e, até mesmo, mais natural com a utilização da retextualização (TRAVAGLIA, 2003, p.182).

Outro benefício que a atividade da tradução pode trazer é na habilidade de leitura. DePaula observa que atividades de tradução do livro *A Brazilian Adventure* fizeram com que os alunos de Letras-Inglês que participaram da atividade comesçassem a prestar mais atenção a certas questões, e que existem várias possibilidades e processos viáveis para se chegar a uma tradução (DEPAULA, 2007, p.97).

Uma das questões que se leva em consideração ao traduzir o texto é justamente à questão do gênero. Consoante mencionado no trabalho em questão, o gênero pode orientar o tradutor em suas escolhas de procedimentos de tradução (quando, por exemplo, utilizar procedimento de tradução literal, e quando dispensá-lo). A atividade de traduzir faz com que se leve em consideração a questão do gênero, no sentido de realizá-lo na língua alvo (língua da tradução). Assim, levando em consideração o gênero, a questão do registro também entra em questão, pois o registro mais formal ou mais informal depende do gênero escolhido, em que contexto sócio-comunicativo ele se insere.

2 METODOLOGIA

3.1 MATERIAL DE ANÁLISE - PROJETUR

O material analisado é parte do Projeto Educacional Turismo Escolar da Prefeitura de Vitória – PROJETUR. Esse projeto atende cerca de 800 alunos de oito unidades de ensino da capital. Em 2009, o projeto trabalhou com o tema “Rota do sol e da moqueca”, com excursões para Anchieta, Guarapari e Serra. No ano de 2010, foi publicado o quarto livro do projeto (o guia analisado nesse trabalho), com o título “Rota do Mar e das Montanhas”.

Conforme o descrito no editorial que se encontra no guia (2010, p.2), o quarto guia turístico reflete parte do trabalho que foi desenvolvido junto aos estudantes da rede municipal da Prefeitura de Vitória. Entre os parceiros do projeto estão o Centro de Artes e o Centro de línguas da UFES, Faesa – Departamento de Comunicação Social e a Casa Brasil.

A produção do material seguiu algumas etapas. A primeira foi a construção de diários (cadernos), com os conceitos, palavras e expressões ligadas ao turismo. É um levantamento feito através de jornais, revistas, livros e internet dos pontos turísticos e municípios que compõem a Rota do Mar e das Montanhas. Em seguida foram realizadas oficinas de fotografia e confecção artesanal de máquina fotográfica, ministrada por uma aluna do Curso de Comunicação da Faesa, parceira do projeto. Também foi feita visita ao laboratório de fotografia. Os alunos visitaram os pontos turísticos acompanhados de profissional da área de fotografia, que os capacitou para fazerem as fotos. Depois há o levantamento fotográfico para a pintura em óleo sobre tela, material para a oficina de pintura dos pontos turísticos visitados e fotografados. A próxima etapa consistiu nas oficinas de línguas estrangeiras. Por fim, a última etapa foi a produção da redação com o tema “Rota do Mar e das Montanhas”, onde foram escolhidos os três melhores textos de cada escola, com a colaboração dos professores de língua portuguesa de cada escola.

O texto traduzido foi originalmente escrito em língua portuguesa pelos alunos que participaram do projeto, auxiliado por seus professores. O Núcleo de

Tradução organizado pelo Centro de Línguas para a Comunidade – Ufes, formado por três estagiários do curso de Letras/Inglês da Ufes, contando com dois revisores-orientadores, foi responsável pela tradução desse material para a língua inglesa. Todo material foi traduzido – ou seja, o texto produzido pelos alunos e o editorial (que apresenta o projeto e que foi escrito pela coordenadora do projeto, professora Jurema Tonini).

Os textos em questão foram dirigidos a um público geral (não especializado), e tiveram como objetivos, respectivamente, apresentar o trabalho do projeto educacional PROJETUR e dar uma ideia do lugar a ser visitado e encorajar a visita, apresentando alguns resultados produzidos pelo PROJETUR (por exemplo, o material produzido foi exibido em exposições de fotografia e o guia é também um dos resultados). O texto produzido pelo alunos, que pertence ao gênero textual guia turístico, tem um caráter informal, o que permite ao tradutor utilizar a tradução indireta mais frequentemente, a considerar o contexto e o público alvo (a audiência do texto de chegada).

É importante que o tradutor considere o fato de que ele lida com mais de um gênero de texto (além do guia em si). O editorial apresentado (escrito pela coordenadora do projeto), embora use uma linguagem mais formal do que a que se encontra em outras partes do material, tem como objetivo apresentar o material.

A análise apresentada nessa dissertação trabalha com dois textos distintos, de gêneros distintos. Por se tratarem de textos de gêneros diferentes, optamos por apresentar os exemplos de cada gênero. As análises apresentam primeiro exemplos retirados do editorial, texto produzido pela coordenadora do projeto. Em seguida, apresentamos exemplos retirados do texto produzido pelos alunos que participaram do projeto.

Além do registro apresentado nos dois gêneros analisados, podemos observar a questão dos elementos paratextuais¹⁷, que ilustram e apontam diferenças entre os dois textos. No caso do editorial, as ilustrações (fotografias) mostram

¹⁷ Entende-se paratexto como “[...] título, prefácio, posfácio, notas marginais, finais ou de rodapé, epígrafes, ilustrações e outros sinais que circundam o texto. [...]” Cf. KOCH; BENTES; CAVALCANTE. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008, p.131.

os alunos do projeto desenvolvendo as atividades. Essas ilustrações reforçam a ideia do caráter educacional do projeto, pois destacam alunos e professores ativos nas tarefas desenvolvidas. Já o guia turístico, que é o gênero que encontramos o texto desenvolvido pelos alunos que participaram do projeto, as ilustrações (fotografias) são de paisagens e pontos turísticos do estado do Espírito Santo. Essas ilustrações ajudam o texto na ideia de que a cidade apresenta paisagens belas e pontos turísticos que valem a pena serem visitados. Ao traduzir, é importante ter em mente essa contribuição que o paratexto traz para a construção do sentido e para o texto traduzido.

Outro ponto a se destacar que diretamente se relaciona com o paratexto é a escolhas das gravuras. Conforme mencionado anteriormente, as fotografias utilizadas no Editorial e no guia turístico em si apresentam diferenças que constituem sentidos diferentes em cada um dos gêneros. Em relação ao guia, podemos observar que se privilegia as paisagens e as gravuras mais bonitas do Espírito Santo. Não há fotos de áreas pobres, nem de crianças pobres, ou qualquer outra que possa desconstruir a imagem de beleza pretendida no guia turístico.¹⁸

É relevante observar que as análises aqui realizadas são de tradução interlingual, e que o texto original está na língua materna dos tradutores, que é traduzido para a língua inglesa, que é a língua estrangeira desses tradutores. Caso fosse o oposto, acreditamos que os atropelos que acontecem relacionados à convencionalidade seriam menos frequentes no processo de retextualização, pelo grau de familiaridade que em geral os falantes de primeira língua possuem.¹⁹

¹⁸ “[...] Como o autor [Genette] comenta, o *paratexto* constitui um dos lugares privilegiados da dimensão pragmática da obra, porque revela tentativas de ação sobre o leitor.” Cf. KOCH; BENTES; CAVALCANTE. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008, p.131.

¹⁹ Há uma diferença entre tradução e versão. Em poucas palavras, podemos dizer que tradução é quando partimos da língua estrangeira e traduzimos para a língua materna, e versão seria da língua materna para a língua estrangeira. Cf. <http://www.brasilian.com/traducao.htm> Acesso 27 dez. 2013.

3.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Foram criados quadros com os trechos de texto que foram estudados. Os textos foram colocados em três colunas, que são a do texto em português, a primeira versão do texto original que foi traduzido para o inglês e a versão entregue, que foi revisada e entregue para publicação. Esses quadros foram assim organizados para procedermos à leitura estereoscópica, conforme descrita anteriormente.

As expressões que foram analisadas foram colocadas em negrito. Outra questão nas análises é que os exemplos estudados foram organizados em categorias, que foram divididos nos seguintes tópicos:

- a) **Categoria 1: Item lexical inadequado** – Os problemas apresentados nesse item lidam com as escolhas inadequadas de léxico. Algumas podem apresentar problemas na questão do sentido que carregam, provocando efeitos de sentido que se afastam de forma acentuada do texto fonte.
- b) **Categoria 2: Itens lexicais ou expressões com sentido metafórico** – Esse tópico discorre sobre algumas imagens metafóricas encontradas no material analisado.
- c) **Categoria 3: Tradução das expressões idiomáticas e convencionais** – O tópico discute as escolhas de tradução de expressões idiomáticas e convencionais. O problema apontado se dá pela escolha do procedimento literal, que produz uma expressão idiomática e convencional não tão satisfatória ou frequente na língua inglesa.
- d) **Categoria 4: Tempo verbal** – Os casos a discutir referem-se a escolhas de tempo verbal
- e) **Categoria 5: Apagamento de sujeito** – Esse item observa vestígios que são deixados em relação à forma. Embora não se possa dizer que haja prejuízo sob o ponto de vista do sentido, estes vestígios dão a impressão de um texto não bem escrito, uma vez que não atendem de forma adequada ao uso das estruturas esperadas. No caso em questão, é o sujeito implícito. Apesar de ser uma estrutura comumente usada na língua portuguesa, não é frequente na língua inglesa.

Esses foram os tópicos utilizados para fazer a análise dos textos neste trabalho. Na primeira parte das análises, exemplos a serem estudados foram retirados do texto produzido pela coordenadora do projeto, Jurema Tonini. Em seguida, as análises usam expressões retiradas do texto que foi produzido pelos alunos do projeto. A opção por essa apresentação se dá pelo fato de que reconhecemos dois gêneros textuais distintos, o que pode interferir no estudo das análises em questão (por exemplo, na questão do registro. No texto da coordenadora, o registro se apresenta mais formal, diferente do registro encontrado no texto dos alunos).

Os exemplos foram discutidos a partir da teoria da relevância. Partindo do princípio de que quanto menor for o esforço de processamento, maior é a relevância, discutimos as escolhas realizadas pelo tradutor. Algumas escolhas se mostram inadequadas pelo fato de que elas levam a efeitos de sentido que divergem consideravelmente daqueles que podem ser depreendidos do texto original, que foi escrito em língua portuguesa. Outras se mostram inadequadas devido ao fato de que convencionalmente outras expressões se mostram mais adequadas. O uso da expressão convencional mais corrente diminui o esforço de processamento, aumentando a relevância, além de contribuir na produção do texto.

4. ANÁLISE E RESULTADOS

4.1 Exemplos do texto produzido pela coordenadora do projeto

Os exemplos que seguem e que foram analisados nessa seção foram retirados do editorial que foi escrito pela coordenadora do projeto, e se encontram nas páginas 2 a 5 do guia.

1. Categoria 1 : Item lexical inadequado –

Na página 2 e 4²⁰ da quarta edição Guia da PROJETUR²¹, do texto do Editorial, encontramos:

Quadro 2 – categoria 1 – exemplo 1

| Texto em português | Tradução: 1ª versão | Tradução: versão entregue |
|--|---|---|
| A expansão e o crecente destaque ¹ que a atividade turística em muitas regiões do Brasil ao longo dos anos, gerando empregos, renda e fomentando um papel cultural importante para a sociedade [...] | The expansion and the growing evidence ¹ that the touristic activity has been conquering in many regions of Brazil along the years, generating jobs, rent and promoting a cultural role important for society [...] | The tourist activity expansion and the increasing importance ¹ that it gained in many regions of Brazil over the years (generating jobs and income and promoting culture) [...] |

Input linguístico – A expansão turística e o **crecente destaque** . . .

Suposições: A atividade turística tem chamado a atenção nos dias de hoje.

A atividade turística tem ganhado evidência ultimamente.

A atividade turística não tinha o destaque de hoje, não tinha a evidência que se observa hoje.

As suposições que a tradução na primeira versão em inglês apresenta diferem das que são levantadas no texto em português, como se observa abaixo:

Input linguístico (1ª versão) – The expansion and the **growing evidence**

. . .

²⁰ As páginas apresentadas se referem ao texto na versão em português e ao texto entregue em língua inglesa publicados pelo guia. A primeira versão foi fornecida pelo núcleo de tradução do Centro de Línguas para a Comunidade – Ufes.

²¹ Nos anexos estão disponibilizadas as páginas do guia, referidas nesse trabalho.

Suposições: Há uma expansão e um vestígio que fica mais perceptível (vestígio de um fato).

Há uma evidência cada vez mais forte (de algo).

Podemos dizer que o procedimento adotado foi o da equivalência, uma vez que o procedimento da tradução literal ou palavra por palavra não produziria os efeitos de sentido depreendidos do texto fonte. No entanto, a opção de traduzir “destaque” por “evidence” se mostra também inadequada. Portanto, a primeira versão precisa ser revisada, uma vez que esta não comunica o sentido original do texto fonte. A definição de *evidence* é *fatos, objetos, ou sinais que fazem você acreditar que algo existe ou é verdade*²². A questão é que em português, em alguns contextos, “destaque” pode ser entendido como “evidência”. Quando se diz que alguém está em evidência, quer dizer que essa pessoa está recebendo destaque. No entanto esse não parece o caso da língua inglesa, assim a escolha de *evidence* não satisfaz adequadamente a ideia do texto da língua fonte, e o termo não é adequado nesse sentido²³.

O problema que se apresenta aqui é a escolha dos itens lexicais para a formação do sintagma. Apesar de gramaticalmente adequado à língua inglesa, a escolha lexical se mostra inadequada e compromete o sentido do texto. É possível que o signo e a leitura de “evidência” como algo que está em destaque tenha levado à escolha equivocada por parte do tradutor na primeira versão.

A escolha da versão entregue, *increasing importance*, por sua vez, resolve parcialmente o problema. A escolha da palavra *importance* para traduzir ‘destaque’ leva a outros sentidos. Por exemplo, não necessariamente o destaque é dado ao que tem importância (coluna social, por exemplo, ganha destaque, mas não necessariamente tem importância). Assim, é possível dizer que a escolha que encontramos na versão entregue também deveria ser repensada.

²² Tradução de “facts, objects, or signs that make you believe that something exists or is true”. **Longman Advanced American Dictionary**. Pearson Education, 2000 (p.488)

²³ Vide o uso da palavra *evidence* em seus contextos no site <http://corpus.byu.edu/coca/>

Quadro 3 – categoria 1 – exemplo 2

| Texto em português | Tradução: 1ª versão | Tradução: versão entregue |
|---|--|---|
| O PROJETUR trabalha nesse universo de linguagens múltiplas, ampliando o conhecimento, a percepção, a integração, a inclusão e, sobretudo, a formação da cidadania. | PROJETUR works in this universe of multiple languages, amplifying knowledge, perception, integration, inclusion, and, above all, citizenship formation. | PROJETUR operates in this universe of multiple language, broadening knowledge, perception, integration, inclusion and, above all. Citizenship. |

Input linguístico – [...] amplifying knowledge [...]

Suposições: O conhecimento aumenta de tamanho

O conhecimento vai ficando maior

O procedimento adotado na primeira versão é o da tradução literal. No exemplo apresentado na tradução da primeira versão, entretanto, a palavra “amplify” não se adéqua ao que seria mais convencional. O dicionário *Longman Advanced American Dictionary* dá as seguintes definições de ‘amplify’²⁴: 1. Fazer um som maior, especialmente som musical; 2. Explicar algo, dando mais informações sobre alguma coisa; 3. Aumentar os efeitos ou a força de algo. Estes dois últimos são em contextos mais formais, o que não é o caso do texto analisado. Assim, a retextualização proposta pela primeira versão se mostra inadequada na construção do sentido.

A escolha de *broadening* é mais satisfatória, pois atende a questão da convencionalidade e estabelece uma relação de sentidos similar, sobretudo pela imagem metafórica que esta escolha estabelece, que se pode dizer similar com o uso da palavra ampliando no texto fonte (retomaremos este exemplo ao falar de algumas expressões metafóricas). Além do mais, o procedimento ainda é o da tradução literal, só que a solução ‘broaden’ é mais adequada ao contexto dado, pois mesmo que ‘amplify’ também seja uma tradução literal, ela não se adéqua ao contexto dado em termos de efeito de sentido que produz, demandando outras soluções.

²⁴ Tradução de “1. To make a sound louder, especially musical sound [...]; 2. FORMAL to explain something by giving more information about it [...]; 3. FORMAL to increase the effects or strength of something [...]”. *Longman Advanced American Dictionary*. Pearson Education, 2000 (p.44)

Nas páginas 3 e 5, do Editorial:

Quadro 4 – categoria 1 – exemplo 3

| Texto em português | Tradução: 1ª versão | Tradução: versão entregue |
|--|---|---|
| [...] além de oferecer a oportunidade de conhecer e divulgar as potencialidades naturais e a diversidade cultural de nossa terra e nossa gente, através das línguas materna e estrangeiras. | [...] besides offering the opportunity to get to know and advertise the natural potentials and the cultural diversity of our land and our people through both, mother and foreign languages. | [...] Moreover, participants get to know the natural resources and cultural diversity of our land and people, and use mother tongue and foreign language to spread what they have learned. |

O problema que encontramos na tradução realizada da primeira versão se encontra na escolha da palavra para traduzir o termo ‘divulgar’. Na primeira versão opta-se pela palavra ‘advertise’, que numa tradução literal é equivalente a palavra ‘anunciar’. A definição que encontramos no *Longman Advanced American Dictionary* para ‘advertise’ é a seguinte: fazer um anúncio público na televisão, em jornais ou revistas sobre alguma coisa disponível ou um evento que está para acontecer, para persuadir as pessoas a comprar o produto ou ir ao evento²⁵.

Dado o contexto em que se encontra o guia turístico, podemos argumentar que a escolha da primeira versão não está adequada, pelo fato de que a palavra ‘advertise’, que foi a escolhida na primeira versão para a palavra ‘divulgar’ do texto em português, é comumente usada em contextos de divulgação de produtos a serem comercializados, o que não é o caso da divulgação do guia, que sugere na verdade uma divulgação num sentido de fazer conhecer.

A versão entregue faz uso da palavra ‘spread’ para traduzir ‘divulgar’. O *Longman Advanced American Dictionary* define ‘spread’ como “contar a muitas pessoas sobre alguma coisa”²⁶. Além da definição, o dicionário dá algumas colocações possíveis com a palavra ‘spread’, que podem vir associadas aos

²⁵ Tradução de “To make a public announcement on television, in newspapers, or magazines etc. about something that is available or an event that is going to happen, to persuade people to buy or use it, go to the event etc.” *Longman Advanced American Dictionary*. Pearson Education, 2000. p.22.

²⁶ Tradução de “To tell a lot of people about something.”Ibid. p. 1406.

substantivos 'lies', 'rumors', 'gossip', formando sintagmas verbais com essas palavras complementando a ideia do verbo.

Podemos dizer que a versão entregue apresenta uma escolha mais adequada para a tradução da palavra divulgar, dado o contexto em que a palavra se encontra no texto em português. Há uma equivalência de sentidos entre a versão entregue e o texto em português maior do que a realizada pela escolha da primeira versão, que traz sentidos que não são depreendidos de imediato do texto original. Além disso, pensando na teoria da relevância, e do princípio de que quanto menor for o esforço de processamento maior será a relevância, é possível argumentar que a escolha que se encontra na versão entregue, por trazer uma coligação verbo e substantivo mais frequente dentro do sentido que podemos encontrar na primeira versão, faz com que o texto da versão entregue seja mais relevante, o que justifica a escolha.

2. Categoria 2: Itens lexicais ou expressões com sentido metafórico –

Nas páginas 2 e 4 do Editorial:

Quadro 5 – categoria 2 – exemplo 1

| Texto em português | Tradução: 1ª versão | Tradução: versão entregue |
|---|---|--|
| A expansão e o crecente destaque ¹ que a atividade turística em muitas regiões do Brasil ao longo dos anos, gerando empregos, renda e fomentando um papel cultural importante para a sociedade foi um dos motivos para o nascimento do Projeto Educacional Turismo Escolar – PROJETUR. | The expansion and the growing evidence ¹ that the touristic activity has been conquering in many regions of Brazil along the years, generating jobs, rent and promoting a cultural role important for society was one of the reasons of the birth of the Projeto Educacional Turismo Escolar – PROJETUR. | The tourist activity expansion and the increasing importance ¹ that it gained in many regions of Brazil over the years (generating jobs and income and promoting culture) were one of the reasons for creating the Projeto Educacional Turismo Escolar (School Tourism Educational Project) PROJETUR. |

Input linguístico – [...] foi um dos motivos para **o nascimento do** Projeto Educacional Turismo Escolar – PROJETUR.

Suposições: O projeto não existia antes.

O projeto foi criado por causa de alguns motivos mencionados.

Ocorreu o surgimento do projeto.

Na primeira versão, tem-se:

Input linguístico – [...] one of the reasons **for the birth** of the Projeto [...]

Suposições: O projeto não existia antes.

Algumas razões levaram a criação do projeto.

A escolha feita pelo tradutor se encontra de acordo com as ideias que se encontram no texto fonte.

Já na versão entregue, tem-se:

Input linguístico – [...] were one of the reasons **for creating** [...]

Suposições: Alguns motivos fizeram com que criassem o projeto.

O projeto não existia antes.

Ocorreu o surgimento do projeto.

Observa-se que houve o apagamento da imagem metafórica do texto fonte ao traduzir a versão que foi entregue, optando-se por uma forma equivalente a essa, só que não buscando uma imagem alternativa na língua da tradução. O termo *o nascimento de* foi traduzido como *the birth of* na primeira versão; já na versão entregue, a opção foi usar o termo *for creating*, adequado à ideia do texto fonte, embora a expressão *the birth of* possa ocorrer também de forma metafórica na língua inglesa²⁷, tal como ocorre no português, que é visto no texto fonte. Ou seja, as suposições da versão entregue e da primeira versão são semelhantes as que são encontradas no texto fonte, o que mostra que não foi necessária a mudança ocorrida no texto da versão entregue.

Nas páginas 3 e 5 do Editorial, encontramos:

²⁷ Definição do *Longman Advanced American Dictionary*: “3. The time when something new starts to exist: the birth of photography; the birth of a nation.” (p.125)

Quadro 6 – categoria 2 – exemplo 2

| Texto em português | Tradução: 1ª versão | Tradução: versão entregue |
|---|---|---|
| O projeto possibilita despertar no aluno e na aluna a cidadania e a auto estima, para que possa, antes mesmo de ofertar um produto ou um serviço turístico, ter amor por aquilo que é como indivíduo [...] | The project also allows students to improve their citizenship and self-esteem, so that they might be able to, even before offering a touristic service or product, have love for who they are as individuals [...] | In addition, the project enables students to improve their citizenship and self-esteem so that they can love who they are as individuals [...] |

Para o exemplo que foi destacado no texto em português, os tradutores da primeira versão apresentam “allows students to improve their citizenship”, e na segunda versão, que foi entregue e publicada encontramos ‘enable students to improve their citizenship’. Como a mudança que ocorre se dá no verbo escolhido nas versões em inglês, vemos a relevância de discutir sobre os dois verbos.

O verbo ‘allow’, numa tradução literal, significa ‘permitir’. Em geral evoca-se a ideia de dar autorização de se fazer alguma coisa. Na segunda versão, o verbo ‘enable’ pode ser traduzido como ‘possibilitar’. No caso do contexto dado, o uso da palavra ‘enable’ se justifica, uma vez que o procedimento de tradução literal atende o sentido encontrado no texto fonte. Poderíamos também considerar a escolha da primeira versão como possível, pois a palavra ‘allow’, de acordo com o dicionário Longman Advanced American Dictionary (2000, p. 37) dá como sentido deste verbo também fazer alguma coisa ser possível, como no seguinte exemplo:

A 24-hour ceasefire allowed the two armies to reach a solution to the conflict.
(O cessar-fogo de 24 horas possibilitou os dois exércitos chegarem a uma solução para o conflito.)

A escolha da primeira versão, embora não utilize o procedimento da tradução literal para o verbo ‘possibilitar’, mostra-se também adequada, dado o contexto em que se encontra, uma vez que a escolha se encontra numa relação de

equivalência com os sentidos que podem ser depreendidos do texto em língua portuguesa.

Outra questão que se destaca aqui é o apagamento no texto traduzido da palavra 'despertar'. A escolha em ambas as versões em inglês é a palavra 'improve', que pode ser traduzida como 'melhorar'. Analisando essa escolha temos o seguinte

Input linguístico – The Project allows/ enables students to improve their citizenship and self-esteem.

Suposições: O projeto ajuda na autoestima dos alunos

O projeto muda a forma de os alunos verem a cidadania

Os alunos, com o projeto, passam a ver a cidadania e a autoestima de maneira mais positiva.

O projeto proporciona aos alunos melhoria na autoestima.

Por essa análise, é possível afirmar que a escolha da palavra 'improve', embora seja por um procedimento livre, mantém a equivalência de sentido entre o texto em português e as traduções deste para a língua inglesa. Mas existe uma possibilidade de tradução, que é observada no site Linguee²⁸, que é um dicionário redacional online que se mostra uma ferramenta importante para o tradutor. Encontramos nesse site traduções em forma de textos paralelos, que contribuem bastante para de trdaução. Ao consultar o Linguee para possíveis traduções da palavra 'despertar', encontramos exemplos com o uso da palavra inglesa 'awake', que não só é uma tradução literal para a palavra 'despertar', como também o sentido metafórico é mantido. Portanto, podemos também argumentar que também existe a possibilidade de se manter a imagem metafórica encontrada no texto em português, sem prejuízo de equivalência de sentido, sendo até mesmo interessante ser mantida, uma vez que a imagem metafórica se encontra no texto fonte.

Nas páginas 3 e 5 do Editorial

²⁸ Disponível em <http://www.linguee.com.br/portugues-ingles>

Quadro 7 – categoria 2 – exemplo 3

| Texto original (português) | Tradução – primeira versão | Tradução revisada – versão entregue |
|---|---|---|
| Como fruto deste trabalho foram produzidos guias turísticos a exemplo dos três intitulados: “Vem que Vitória tem!”, “Vitória, história tem... vem fazer a sua também!” [...] | As a fruit of this work touristic guides have been produced, for example the three named: “Vem que Vitória tem!”, “Vitória, história tem... vem fazer a sua também!” [...] | This Project resulted in travel guides such as “Vem que Vitória tem!”, “Vitória, história tem... vem fazer a sua também!”, and “Na Rota do sol e da Moqueca... Sol e moqueca não podem faltar! Venha ao Espírito Santo, para delícias provar!” |

Nesse exemplo, na primeira versão, optou-se pelo procedimento de tradução literal. No caso, apesar de se poder usar a expressão ‘a fruit of’ com sentido metafórico similar ao que nós usamos na língua portuguesa, ao se analisar suas ocorrências, vemos que ela em termos de ocorrência aparece de maneira usual em discursos religiosos, o que não é o caso do material analisado. O apagamento dessa imagem metafórica se faz, assim, bastante adequado, pois o uso da expressão ‘a fruit of’ acarreta em desvio quanto à convencionalidade.

Quanto à questão da análise da frase no que tange o sentido, embora acredite que o falante de língua inglesa pudesse chegar ao sentido similar ao que se encontra no texto em português, a quebra da convencionalidade do uso dessa expressão acarretaria num esforço maior para se chegar à relevância. Em si, justifica o apagamento dessa expressão, como se observa na versão entregue.

Na página 5 do Editorial

Quadro 8 – categoria 2 – exemplo 4

| Texto em português | Tradução: 1ª versão | Tradução: versão entregue |
|---|---|---|
| O PROJETUR trabalha nesse universo de linguagens múltiplas, ampliando o conhecimento, a percepção, a integração, a inclusão e, sobretudo, a formação da cidadania. | PROJETUR works in this universe of multiple languages, amplifying knowledge, perception, integration, inclusion and, above all, citizenship formation. | PROJETUR operates in this universe of multiple language, broadening knowledge, perception, integration, inclusion and, above all, citizenship. |

Podemos retomar o exemplo 2 apresentado na categoria 1, ou seja, item lexical inadequado. Aqui, chama a atenção para o fato de que a palavra “broaden” compreende também a ideia metafórica, com o sentido de ‘aprender, entender

e fazer coisas novas’, como no exemplo dado pelo *Longman Advanced American Dictionary* (2000, p.168) “I traveled to Japan to **broaden my horizons**” (que se traduz como “Viajei ao Japão para ampliar meus horizontes”). É possível dizer que, pensando na questão da relevância, chega-se a uma equivalência mais direta com a escolha desse verbo, ao invés do verbo “amplify”.

3. Categoria 3: Tradução de expressões idiomáticas e convencionais

Na página 2 e 4 da quarta edição Guia da PROJETUR, encontramos:

Quadro 9 – categoria 3 – exemplo 1

| Texto original (português) | Tradução – primeira versão | Tradução revisada – versão entregue |
|--|---|---|
| As atividades turísticas, para obterem êxito, necessitam de um trabalho de conscientização social sobre a relevância e os benefícios que trazem ao país, ao estado ou município. Foi com esse propósito , somado à necessidade de oferecer alternativas educacionais para alunos da rede municipal de ensino de Vitória [...] | Tourist activities, in order to be successful, require a work of social awareness about the importance and the benefits they bring to the country, state or city. With this purpose , added to the need of offering educational alternatives for the students of the municipal educational system of Vitória [...] | In order to be successful, tourist activities require efforts to raise social awareness of their importance and benefits to the country, state or municipality. For this purpose , added to the need of offering educational alternatives for students of the Public Educational System of Vitória [...] |

A escolha que se dá aqui se refere ao procedimento da tradução literal. Ela produz uma expressão idiomática e convencional que não é frequente para o que se quer dizer. A versão entregue apresenta a expressão ‘for this purpose’, que se mostra mais frequente quando se quer dizer ‘com o propósito de’. A consulta ao COCA (Corpus of Contemporary American English), que apresenta cerca de 450 milhões de palavras em textos de gêneros diversos que foram coletados entre os anos de 1990 a 2012, apresenta os seguintes resultados: a expressão ‘with this purpose’ apresenta oito ocorrências, ao passo que a expressão ‘for this purpose’ apresenta 714 ocorrências. Esse fato justifica a

mudança encontrada na versão entregue, e também a conclusão de que ‘with this purpose’, apesar de ser possível, não é uma expressão corrente.²⁹

Nas páginas 2 e 4 do Guia

Quadro 10 – categoria 3 – exemplo 2

| Texto original (português) | Tradução – primeira versão | Tradução revisada – versão entregue |
|---|--|--|
| Dessa forma, oferece lugar, pela combinação de diferentes recursos de comunicação, à criação de um novo ambiente de aprendizagem, com a utilização dos laboratórios de informática para as pesquisas na internet e a realização de atividades, proporcionando assim a inclusão digital. [...] | This way, it offers place, by the combination of different resources of communication, to the creations of a new environment, with the utilization of the computer laboratories for the internet research and the execution of activities, providing thus, digital inclusion. [...] | Thus, PROJETUR provides space for creating a new learning environment combining different communication resources such as computer laboratories for internet research and other activities, promoting digital inclusion. [...] |

A expressão com a utilização de é bem aceitável na língua portuguesa, mas não é corrente na língua inglesa. Justifica-se assim o procedimento não literal adotado pela versão entregue, que busca uma tradução livre, focando nas informações contidas no texto original. No caso, a tradução literal produz uma expressão idiomática que não é corrente na língua inglesa.³⁰

4. Categoria 4: Tempo verbal –

Na página 2 e 4 da quarta edição Guia da PROJETUR, encontramos:

Quadro 11 – categoria 4 – exemplo 1

| Texto em português | Tradução: 1ª versão | Tradução: versão entregue |
|---|--|--|
| A expansão e o crescente destaque que a atividade turística veio ganhando em muitas regiões do Brasil ao longo dos anos, gerando empregos, renda e fomentando um papel importante para a sociedade [...] | The expansion and the growing evidence that the touristic activity has been conquering in many regions of Brazil along the years, generating jobs, rent and promoting a cultural role important for society [...] | The tourist activity expansion and the increasing importance that it gained in many regions of Brazil over the years (generating jobs and income and promoting culture) [...] |

²⁹ Ver lista geradas pelo COCA nos anexos.

³⁰ O COCA, ao gerar lista da expressão “with the utilization” apresenta somente cinco ocorrências da expressão, o que justifica o entendimento de que não é uma expressão corrente na língua inglesa. Ver nos anexos a lista.

No caso destacado, há dois problemas a se destacar. O primeiro caberia no item 1, que fala de escolhas lexicais inadequadas. A tradução literal da palavra ‘ganhar’ pode ser “win” ou “gain”, sendo que “gain”, para o contexto em questão, é a mais adequada. Na primeira versão, no entanto, encontra-se o verbo *conquer*. Sabe-se que a palavra *conquer* (“conquistar”) refere-se a conquistas que apresentam algum esforço por parte de alguém. Mas o ponto é a opção que se encontra na primeira versão, que usa o verbo *gain* no passado simples. Na primeira versão, o verbo é usado no presente perfeito contínuo. Ao pensar na ideia que o presente perfeito transmite (de algo que iniciou num tempo anterior e que ainda acontece, ou é válido) e comparar o que se encontra na primeira versão, creio que a manutenção do tempo verbal na primeira versão (presente perfeito contínuo) manteria de forma melhor a ideia destacada no texto original.

Na página 3 e 5 da quarta edição Guia da PROJETUR, encontramos:

Quadro 12 – categoria 4 – exemplo 2

| Texto em português | Tradução: 1ª versão | Tradução: versão entregue |
|---|--|--|
| Como fruto deste trabalho foram produzidos guias turísticos a exemplo dos três intitulados: “Vem que Vitória tem!”, “Vitória, história tem... vem fazer a sua também!” [...] | As a fruit of this work touristic guides have been produced , for example the three named: “Vem que Vitória tem!”, “Vitória, história tem... vem fazer a sua também!” [...] | This Project resulted in travel guides such as “Vem que Vitória tem!”, “Vitória, história tem... vem fazer a sua também!”, and “Na Rota do sol e da Moqueca... Sol e moqueca não podem faltar! Venha ao Espírito Santo, para delícias provar!” |

No caso mencionado acima, o trecho destacado em português está no tempo verbal de passado perfeito. Na primeira versão, os tradutores optaram pelo uso do presente perfeito, que pode também descrever ações que já aconteceram, que já estão acabadas. No entanto, na versão final optou-se por utilizar o passado simples. Pode-se dizer que a substituição não se fazia necessária, uma vez que a escolha do presente perfeito, que é apresentada na primeira versão, mostra-se adequada ao que é apresentado na versão em português.

4.2 Exemplos do texto produzido pelos alunos do projeto

Os exemplos dessa seção trabalham com o guia em si, que foi produzido pelos estudantes. Este se caracteriza por uma linguagem menos complexa, mais informal. Além disso, o gênero textual é guia turístico, que difere do texto que foi produzido pela coordenadora do projeto em objetivos e em registro.

1. Categoria 1: Item lexical inadequado –

Nas páginas 10 e 12 do Guia:

Quadro 13 – categoria 1 – exemplo 1

| Texto em português | Tradução: 1ª versão | Tradução: versão entregue |
|--|--|--|
| Nosso estado está localizado na região Sudeste. Sua área é de 46.184,1 km ² , limitando-se ao norte com o Estado da Bahia, ao leste com o Oceano Atlântico, ao sul com o Estado do Rio de Janeiro e ao oeste com o Estado de Minas Gerais. [...] | Our state is placed in the southeast. Its area is 46.184,1 km ² , limiting its boundaries in the north with the State of Bahia, to the East with the Atlantic Ocean, to the South with the State of Rio de Janeiro and to the West with the State of Minas Gerais. [...] | Our state is located in the southeast region of Brazil. Its area is 46.184,1km ² , and it is bordered by the State of Bahia in the north, the Atlantic Ocean in the east, the State of Rio de Janeiro in the south, and the State of Minas Gerais in the west. [...] |

Input linguístico – Our state is placed in the southeast. [...]

Suposições: O estado foi colocado por alguém.

Houve a ação de se colocar o Espírito Santo na região Sudeste.

Aqui, observa-se a inadequação da primeira versão, pois o verbo “place” implica na ação de se colocar algo em algum lugar. É provável que os leitores consigam identificar o sentido intencionado, usando de inferências, mas obviamente perceberá a inadequação da escolha da palavra – o que acarreta num esforço maior de processamento (pensando na questão da relevância). A escolha mais adequada aqui é a da palavra “located”, pois o verbo significa ‘estar num lugar particular’ (Longman, 2000).

Nas páginas 10 e 12 do Guia:

Quadro 14 – categoria 1 – exemplo 2

| Texto em português | Tradução: 1ª versão | Tradução: versão entregue |
|---|---|---|
| Somos contemplados por uma maravilhosa floresta tropical. Nossa colonização é diversificada : portugueses, holandeses, alemães e italianos. A economia é baseada na agricultura e na industrialização. [...] | We are gifted with a wonderful tropical forest and a costal vegetation. Our colonization is diversified : Portuguese, Dutch, German and Italian. The economy is based on agriculture and industry. [...] | We are gifted with a wonderful tropical forest and costal vegetation. Our colonization is diverse : Portuguese, Dutch, German and Italian. The economy is based on agriculture and industry, [...] |

O que se observa na primeira versão é o uso de uma expressão que é mais frequente na forma de *past participle* do que de adjetivo. No uso em questão, é mais adequado usar o termo ‘diverse’, que no uso da frase apresentada é o mais adequado.

Nas páginas 10 e 12 do Guia:

Quadro 15 – categoria 1 – exemplo 3

| Texto em português | Tradução: 1ª versão | Tradução: versão entregue |
|--|--|--|
| As belezas stão em toda parte! Indo para o norte ou para o sul e subindo as montanhas, podemos degustar vinhos, licores, biscoitos caseiros e massas em propriedades de agroturismo [...] | The beauties are everywhere! Going to the North or to the South and going up the mountains, we can degust wine, liquors, home made biscuits and pasta in agrotourism properties [...] | Beauty is everywhere! Going north, south or going up the mountains, we can appreciate and taste wines, liqueurs, homemade cookies and pasta iin agritourism properties. |

A palavra ‘degust’ – encontrada na primeira versão – não tem ocorrência ampla na língua inglesa. Não há no *Longman Advanced American Dictionary* da palavra, bem como uma consulta ao *Corpus of Contemporary American English* nos dá somente uma ocorrência da palavra, e no sentido que a encontramos na primeira versão. Pela pouca ocorrência desta palavra, pode-se concluir que não é uma escolha adequada, pois acarreta em esforço de processamento, até mesmo não satisfeito, comprometendo a compreensão do texto traduzido.

Nas páginas 22 e 24 do guia

Quadro 16 – categoria 1 – exemplo 4

| Texto em português | Tradução: 1ª versão | Tradução: versão entregue |
|--|--|--|
| Sendo Vitória uma ilha, não poderíamos deixar de falar de outras praias como a Ilha do Boi, um belo recanto natural de águas tranquilas e claras. [...] | For Vitoria being na island, we could not forget to mention other beaches such as Ilha do Boi, a beautiful corner of clear water and peaceful waters. [...] | Since Vitória is an island, we could not forget to mention other beaches nearby: <i>Ilha do Boi</i> , a beautiful spot of calm and clear waters [...] |

Uma das traduções da palavra ‘canto’ é a palavra em língua inglesa ‘corner’. Mas em língua inglesa, a palavra ‘corner’ de forma geral não apresenta a ideia de ‘canto’ como um lugar, da forma que é possível usar em língua portuguesa. Convencionalmente, em língua portuguesa é possível dizer, por exemplo, que temos um canto (espaço) para estudar. Em inglês, ‘corner’ refere-se ao ponto em que duas extremidades se encontram. Podemos dizer, por exemplo, *in the corner of the screen* (no canto do monitor), *on the corner of* (na esquina da), referindo-se ao encontro de duas ruas (LONGMAN, 2000).

Pensando na questão da relevância, a escolha de ‘corner’ se mostra inadequada, podendo até mesmo tornar o texto confuso em algum ponto. A escolha realizada na versão entregue, por outro lado, atende a questão da convencionalidade, pois ‘spot’ pode ser entendido como um lugar específico, estabelecendo equivalência com o sentido que pode ser depreendido do texto em português.

Nas páginas 23 e 25 do guia:

Quadro 17 – categoria 1 – exemplo 5

| Texto em português | Tradução: 1ª versão | Tradução: versão entregue |
|--|--|---|
| Aqui podem ser encontrados belos manguezais, parques, praças, jardins e restaurantes, que oferecem a Moqueca e a torta capixaba, que são as principais referências gastronômicas da cidade. [...] | Here may also be found beautiful mangroves, parks, squares, gardens and restaurants that offer Moqueca and Torta Capixaba, which are the main gastronomical references of the city. [...] | In Vitória, one can find beautiful mangroves, parks, squares, gardens, as well as restaurants that offer Moqueca and Torta Capixaba – the two main traditional dishes of the city. |

Na primeira versão, o procedimento que foi utilizado foi o de tradução literal. É possível dizer que a palavra referência pode ter como tradução literal a palavra

'reference', porém ela se mostra inadequada para o contexto em que a palavra 'referência' aparece no texto em português. Em inglês, 'reference' é o ato de mencionar alguém ou alguma coisa na escrita, em geral falando sobre obras a serem consultadas³¹. A ideia que se depreende do texto em português é a de que a Moqueca e a Torta Capixaba são os pratos mais conhecidos do estado do Espírito Santo.

Outro fator que justifica a mudança é quando consultamos o site COCA, que ao gerar lista com o sintagma nominal 'gastronomical reference', não encontra sequer uma ocorrência de uso. Já quando se gera lista com a escolha realizada da versão entregue, que usa o sintagma nominal 'traditional dishes', o COCA gerou uma lista com 54 ocorrências desse sintagma.

Assim, podemos dizer que os itens lexicais escolhidos na primeira versão para a tradução de "referências gastronômicas" não se adéquam a questão da convencionalidade, produzindo até mesmo um sentido estranho ao do uso convencional, corrente da palavra 'reference'.

Na página 30³² do guia

Quadro 18 – categoria 1 – exemplo 6

| Texto em português | Tradução: 1ª versão | Tradução: versão entregue |
|--|---|---|
| Escola de Dança e Arte FAFI Foi projetada pelo arquiteto tcheco-eslovaco Joseph Pitilik e inaugurada em 1926. [...] | It has been projected by the Czech-Slovak architect Joseph Pitilik and it was inaugurated in 1926. [...] | It was designed by Czech-Slovak architect Joseph Pitilik and it was inaugurated in 1926. [...] |

Na primeira versão, o termo escolhido foi o verbo 'project', que pode ser traduzido como 'projetar', que como verbo apresenta as seguintes definições: 1. Calcular o tamanho, quantidade, taxa de alguma coisa como ela provavelmente será no futuro. 2. Fazer uma foto ou um filme aparecer numa tela de forma

³¹ Tradução de "The act of mentioning someone or something in speech or writing." Disponível em http://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/american-english/reference_1?q=reference Acesso em: 04 ago. 2013.

³² A tradução em inglês do texto analisado não foi publicada no material impresso. Somente o texto em português.

ampliada. 3 ser planejado para acontecer no futuro (no caso, ocorre na voz passiva) (LONGMAN, 2000).

A tradução que se adéqua ao sentido do texto em português é a palavra ‘design’, que foi utilizada na versão entregue. Em geral se usa o referido verbo para dizer que o arquiteto desenhou, fez o projeto de algo. Essa convencionalidade pode ser verificada pela lista que é gerada no site Linguee, que traz inúmeros exemplos de ‘design’ no sentido de que o arquiteto desenhou o projeto de alguma construção ou outros³³.

2. Categoria 5: Apagamento de sujeito –

Nas páginas 23 e 25 do Guia:

Quadro 19– categoria 5 – exemplo 1

| Texto original (português) | Tradução – primeira versão | Tradução revisada – versão entregue |
|--|--|--|
| [...] Vitória foi fundada no dia 8 de setembro de 1551 e é uma das capitais mais antigas do país . Essa ilha reúne passado, presente e futuro no mesmo cenário. | [...] Vitoria was founded in September 8, 1551, and is one of the country's oldest capitals . This island brings together past, present and future. | [...] Vitoria was founded on September 8th, 1551 and it is one of the country's oldest capital cities . This island's scenario combines past, present and future. |

No caso, na primeira versão não se utiliza do pronome *it*. Tal como ocorre em português com relativa frequência, esse pronome é omitido. Já na versão entregue, esse apagamento não acontece, o que é mais característico das normas linguísticas da língua inglesa (que em geral exige que esse pronome apareça).

Nas páginas 23 e 25 do Guia:

³³ Vide s traduções de ‘projetado por’ que são geradas no Linguee. Disponível em <http://www.linguee.com.br/portugues-ingles>

Quadro 20 – categoria 5 – exemplo 2

| Texto original (português) | Tradução – primeira versão | Tradução revisada – versão entregue |
|---|--|---|
| Aqui podem ser encontrados belos manguezais, parques, praças, jardins e restaurantes que oferecem a Moqueca e a Torta Capixaba [...] | Here may also be found beautiful mangroves, parks, squares, gardens and restaurants that offer Moqueca and Torta Capixaba [...] | In Vitoria, one can find beautiful mangroves, parks, squares, gardens as well as restaurants that offer Moqueca and Torta Capixaba [...] |

O caso encontrado é semelhante ao caso anterior. Na primeira versão, o tradutor deixa o apagamento do sujeito, que não é corrente na língua inglesa, diferente da língua portuguesa. Na versão entregue, observa-se que a palavra *one* ocupa o lugar de sujeito.

Na página 52 do Guia³⁴:

Quadro 21 – categoria 5 – exemplo 3

| Texto original (português) | Tradução – primeira versão | Tradução revisada – versão entregue |
|---|--|--|
| Reserva Kautsky | Kautsky Forest Reserve | Kautsky Forest Reservation |
| Situada na sede do município, possui área remanescente de mata atlântica de 350.000 m2. | Inside the city, contains a remaining area of 335,000 m2 of forest. | Located in the seat of the municipality, this reservation has an Atlantic Forest remaining area of 335,000 m2. |

Novamente, percebe-se o uso do apagamento de sujeito, que não é adequado em textos de língua inglesa, embora seja uma possibilidade bastante corrente nos textos escritos em língua portuguesa.

³⁴ Tradução em inglês não publicada no guia.

3. Categoria 4: Tempo verbal –

Na página 30³⁵ do guia:

Quadro 22 – categoria 4 – exemplo 1

| Texto em português | Tradução: 1ª versão | Tradução: versão entregue |
|---|---|---|
| [...] A partir de 1993, recebeu o nome de Sala Alvimar Silva, passando a abrigar peças (móveis, ferramentas, máquinas) doadas pela Rede Ferroviária com referência ao cotidiano das ferrovias. | [...] Since 1993, the place was named Alvimar Silva Hall, housing pieces of furniture, tools and machines that have been donated by the network Rail, as referring to the daily life of the railroads. | [...] In 1993 the place was named Alvimar Silva Hall. Since then, it has been the home of a collection of pieces of furniture, tools and machines donated by Rede ferroviária, which refer to the daily life on the railroads. |

Na primeira versão, optou-se de forma inadequada pelo *present perfect*. Em língua inglesa, entende-se que o *present perfect* se trata de uma ação do passado que continua nos dias de hoje. No caso e ‘donate’, que é a tradução em inglês do verbo ‘doar’, o contexto em que se apresenta o texto mostra que o ato de doação pertence ao passado, não mais ocorrendo. Assim, o tempo verbal mais adequado é o passado simples.

Na versão entregue, optou-se somente pelo particípio passado ‘donated’, tal como encontramos na primeira versão. Na verdade, a estrutura faz com que o leitor entenda que se trata da voz passiva, omitindo o auxiliar. A versão entregue, aqui, mostra-se adequada, e corresponde estruturalmente e em questão de sentido ao que se encontra no texto em língua portuguesa.

³⁵ A tradução em inglês do texto analisado não foi publicada no material impresso. Somente o texto em português.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises que foram realizadas, é possível depreender que as marcas que foram deixadas no trabalho de tradução do guia turístico PROJETUR tem relação com a questão da convencionalidade da língua, que, como vimos no decorrer do trabalho, tem relação estreita com a questão dos gêneros textuais.

A maioria dos problemas que foram apresentados mostra que as escolhas lexicais levam a problemas de construção de sentido. Isso ocorre devido ao fato de que esses termos são mais frequentes em contextos distintos daqueles em que foram utilizados.

A escolha do gênero se faz em função do contexto situacional dado, conforme discutido no trabalho em questão. Além do mais, os gêneros textuais são relativamente estáveis, e essa característica de certa forma determina a questão da convencionalidade. Retomando Marcuschi (2008, p.154), não é somente uma forma linguística que se domina quando se domina a realização de um gênero, mas se domina toda uma forma de realizar linguisticamente domínios específicos em situações sociais particulares.

Ao traduzir o texto, o gênero textual já se encontra definido pelo texto da língua fonte. O que o tradutor precisa é ter a compreensão de como aquele gênero é realizado na língua a ser traduzida. Em outras palavras, ele precisa entender como a realização linguística daquele texto se dá. Daí também se observa a importância dos esquemas (MAGALHÃES, 2011, p. 72) que o tradutor traz para fazer análise do texto a ser traduzido.

A leitura estereoscópica (ROSE, 1997) possibilitou observar de forma mais acurada as marcas que foram deixadas pelo tradutor, visto que essa leitura possibilitou a observação de determinadas nuances que se apresentam nos textos, e os efeitos de sentido que podem ser observados em trechos específicos.

Além da leitura estereoscópica, a aplicação dos princípios da teoria da relevância demonstraram os problemas que fizeram com que algumas das escolhas apresentadas se mostrassem inadequadas. Partindo do princípio de que quanto menor o esforço de processamento, maior é a relevância (SPERBER; WILSON, 2001, p.11), podemos justificar algumas escolhas como inadequadas justamente pelo fato de que elas fazem com que o leitor faça um esforço extra para que consiga chegar à relevância daquele enunciado. Devemos também enfatizar que quando a construção do texto não obedece ao princípio da convencionalidade daquele gênero específico, isso causa estranheza ao leitor. Nesse caso, podemos dizer que, ao não atender os princípios da convencionalidade, faz com que o leitor faça um esforço maior para chegar à relevância.

Nas análises que foram realizadas, podemos perceber que a maior parte dos exemplos apresentados está relacionada com as escolhas lexicais, que se mostram inapropriadas pelo fato de que, por questão de registro ou de equivalência com o texto fonte, não atendem a questão da convencionalidade. Como vimos anteriormente, os gêneros textuais em sua construção apresentam certa regularidade em sua realização que se relaciona com a questão da convencionalidade.

Algumas escolhas não se adéquam ao contexto em que foram inseridas, e provocam no leitor efeito de sentido diferente daqueles que podem ser depreendidos pelo texto original. Além disso, algumas escolhas causam estranheza para o leitor, fazendo com que ele faça um esforço de processamento que diminui a relevância daquele enunciado. Portanto, a teoria da relevância mostra-se um instrumento que auxilia na avaliação das escolhas realizadas, mostrando em que momentos elas se mostram inadequadas.

É possível depreender que as escolhas inadequadas se devem ao fato de que possivelmente o tradutor, especialmente na primeira versão, guiou-se principalmente pelo signo linguístico e não pelo sentido que este assumia dentro do texto, conforme já observava DePaula em seu artigo *Tradução, fonte para o ensino* (DEPAULA, 2007, p.91).

Provavelmente os desvios seriam menos frequentes se o trabalho em questão fosse da língua inglesa para a língua portuguesa, pelo fato de que os tradutores estariam trabalhando com a língua materna, facilitando o trabalho de elaboração do texto.

5.2. IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

Partindo de uma reflexão sobre a questão da tradução e do ensino, o trabalho mostra pontos que valem ser ressaltados. Conforme mencionado anteriormente, Cook (1998, p.119) observa que uma das vantagens do trabalho de tradução para a questão do ensino e aprendizado de línguas é que, limitado pelo texto original, o tradutor precisa confrontar com áreas da língua estrangeira nas quais ele eventualmente encontra dificuldade.

É possível argumentar que o trabalho realizado pelo grupo de tradutores do Centro de Línguas para a Comunidade mostra que a atividade de tradução pode ser enriquecedora, proporcionando oportunidades de discutir questões relacionadas à língua estrangeira. No caso dessa pesquisa, o trabalho de tradução fez com que os tradutores enfrentassem questões e dificuldades que eles eventualmente encontraram para reescrever o texto em língua inglesa, e o trabalho de ao uso das formas da língua inglesa.

Como já observava Duff (1989), a atividade da tradução nos leva à especulação e ao debate, o que tem efeitos positivos no processo de aprendizagem das línguas. Além do mais, a tradução leva o estudante de língua a desenvolver três qualidades essenciais na aprendizagem de uma língua: a clareza, a precisão e a flexibilidade (DUFF, 1989, p.7).

Nesse trabalho para o PROJETUR, a tradução pode ser classificada como tradução pedagógica (CASADO; GUERRERO, 1993), uma vez que a tradução do português para o inglês foi à atividade realizada e que proporcionou o trabalho em questão. Assim, podemos ver que a atividade de tradução pode ser relevante para auxiliar os alunos descobrirem a língua estrangeira, fazendo

com que o uso da língua materna seja visto como algo positivo. Podemos dizer também que, usada de forma adequada, a língua materna pode ajudar o aluno a perceber que as duas línguas se realizam de maneiras diferentes e descrevem a realidade de maneira diferente, como observa a hipótese de Sapir e Whorf (LOPES, 2008).

Ainda dentro das questões relacionadas à tradução e ensino de línguas estrangeiras, podemos observar o fato de que a comunicação humana se dá por meio de enunciados concretos, os quais vêm em forma de texto, que pertencem a algum gênero textual. Mittmann (2003) mostra duas concepções, a que ela chama de concepção tradicional e conservadora. A que se adéqua as questões apresentadas aqui neste trabalho é a segunda concepção, pois podemos observar que o tradutor leva para o texto traduzido suas experiências, sua leitura do texto fonte. A construção desse texto se dá por meio das habilidades desse tradutor. Não se entende aqui a tradução enquanto processo passivo, de mera decodificação de um sentido único e transcrição desse sentido para a outra língua.

O papel do tradutor enquanto sujeito agente no processo está presente em Travaglia (2003), que fala sobre a tradução enquanto processo de retextualização. O tradutor, em seu trabalho, precisa colocar em texto a leitura e percepção que ele teve em relação ao texto fonte. As escolhas do tradutor sobre os procedimentos a serem usados no texto traduzido (a opção por um procedimento de tradução literal ou um procedimento de tradução livre) dependem da compreensão do tradutor sobre o texto a ser escrito.

No que se refere às escolhas e à convencionalidade, Duff (1989) sinaliza que o trabalho com tradução leva a reflexão sobre a questão do registro, e que esse tem relação também com algumas maneiras de construir determinados gêneros textuais. Ao se entender como se manifestam as regras não prescritas, o tradutor vai além do signo linguístico, sendo levados a buscar maneiras de se elaborar determinados textos, o que enriquece seu conhecimento enquanto usuário de uma língua estrangeira, e, conseqüentemente, leva-o ao conhecimento das nuances que existem em sua língua materna.

Travaglia (2003, p. 180), conforme citado anteriormente, mostra que ensinar a traduzir é mostrar como trabalhar o texto enquanto um todo, é ensinar a ver pistas e marcas colocadas pelo autor do original e, a partir dessa leitura que o tradutor assume dessas marcas, escolher os elementos da língua de chegada que melhor se adéquam a leitura feita do texto fonte. Considerando que a comunicação só se faz por meio de textos, o ensino de uma segunda língua será mais lógico, e até mesmo, mais natural, com a utilização do processo de retextualização (TRAVAGLIA, 2003, p. 182).

É através da leitura que o tradutor realiza do texto original que a retextualização acontece – aqui entendendo a retextualização de acordo com o que Travaglia apresenta, que é a ação de recolocar em forma de texto numa outra língua a reconstrução de um sentido que faz a partir de uma textualização anterior (TRAVAGLIA, 2003, p. 63). Se o ponto de partida é a leitura do tradutor, discutir a natureza do texto traduzido é importante, até mesmo para a compreensão da natureza do texto a ser traduzido. Essa compreensão vai auxiliar as escolhas a serem realizadas e, até mesmo, justificar os casos em que a tradução literal não acontece.

No material analisado, é possível observar os problemas que surgem ao se tentar retextualizar o que se depreende do texto fonte. Sobretudo na primeira versão, é possível observar problemas linguísticos que os tradutores apresentam. No que diz respeito à questão do ensino, por exemplo, esse trabalho pode ser um sinalizador para o professor das áreas nas quais os alunos apresentam mais problemas, podendo o professor por meio dessas informações planejar ações pedagógicas que possibilitem ajudar os alunos nesses aspectos linguísticos que apresentam maior problema.

6. BIBLIOGRAFIA

ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. 5ª edição. São Paulo: Ática, 2007.

_____. *Equivalence*. In. BAKER, Mona. **Encyclopedia of translation studies**. London & New York: Routledge, 1998, p.77-80.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, Heloisa Gonçalves. **Procedimentos Técnicos da Tradução: Uma Nova Proposta**. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2004.

BASSNET, Susan. **Estudos da Tradução**. Tradução de Viviana de Campos Figueredo, revisão de Ana Maria Chaves. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

BOSI, Lorena. Conheça o Projetur. **Secretaria de Educação**. Disponível em <http://www.vitoria.es.gov.br/semi.php?pagina=noticias&idNoticia=4056>. Acesso em: 18 maio 2013.

_____. Projeto de turismo escolar da prefeitura ganha prêmio nacional. Secretaria de Educação. Disponível em <http://www.vitoria.es.gov.br/semi.php?pagina=noticias&idNoticia=3141>. Acesso em: 18 maio 2013.

CASADO, Ana Ballester; GUERRERO, Maria Dolores Chamorro. *La traducción como estrategia cognitiva em El aprendizaje de segundas lenguas*. In. PEYDRÓ; Salvador Montesa, MORAGA, Antonio Manuel Garrido. **El español como lengua extranjera, de La teoría al aula: actas Del tercer Congreso Nacional de ASELE: Málaga, Del 12 al 22 de octubre de 1991**. Málaga: Universidad de Málaga, 1993.

COOK, Guy. *Use of translation in Language Teaching*. In. BAKER, Mona. **Encyclopedia of Translation Studies**. London & New York: Routledge, 1998.

COSTA, Walter Carlos. Tradução e ensino de línguas. In: BOHN H. I.; VANDRESEN, P. **Tópicos de Lingüística Aplicada ao ensino de línguas**

- estrangeiras**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988, p. 282-291.
- DEPAULA, Lillian. *Tradução, fonte para o ensino*. In. DEPAULA, Lillian [org]. **Tradução: uma fonte para o ensino**. Vitória: EDUFES, 2007.
- DUFF, Alan. **Translation**. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore G. Villaça. **Linguística textual: introdução**. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- HATIM, Basil; Manson, Ian. **Discourse and Translation**. London & New York: Longman, 1990.
- KENNY, Dorothy. *Corpora in translation studies*. In. BAKER, Mona. **Encyclopedia of translation studies**. London & New York: Routledge, 1998, p.50-53.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- _____. **O texto e a construção dos sentidos**. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- _____; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência**. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- LOPES, Edward. **Fundamentos da Linguística Contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 2008.
- MAGALHÃES, Célia. *Estratégias de Análise Macrotextual*. In. ALVES; Fábio; MAGALHÃES, Célia; PAGANO, Adriana. **Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação**. São Paulo: Contexto, 2011.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In. DIONÍSIO, Ângela Paiva, et. Al. [org]. **Gêneros Textuais e Ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- _____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MITTMANN, Solange. **Notas do Tradutor e Processo Tradutório: Análise sob o Ponto de Vista Discursivo**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

NATTINGER, James R.; DeCARRICO, Jeannette S. **Lexical phrases and language teaching**. New York: Oxford University Press, 1992.

NEWMARK, Peter. **A textbook of translation**. Prentice Hall, 1988.

ROSE, Marilyn Gaddis. **Translation and Literary criticism**. United Kingdom: St. Jerome Publishing, 1997.

SCHMITT, Nobert. **Vocabulary in language teaching**. New York: Cambridge University Press, 2000.

SCHNEWLY, Bernard. *Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas*. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na sala escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004. p. 21-39.

SOBRAL, Adail. **Dizer o 'mesmo' aos outros: ensaios sobre tradução**. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2008.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. **Relevância: comunicação e cognição**. Tradução de Helen Santos Alves, revisão de Manuel Gomes da Torre. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

_____; _____. **Teoria da Relevância**. *Linguagem em (dis)curso*, v. 5, n. esp., p.221-268, 2005.

TAGNIN, Stella. **O jeito que a gente diz: expressões convencionais e idiomáticas**. São Paulo: Disal Editora, 2005.

TRAVAGLIA, Neuza G. **Tradução retextualização: a tradução numa perspectiva textual**. Uberlândia: EDUFU, 2003.

VIANA, Vander. *Linguística de corpus: conceitos, técnicas & análises*. In: VIANA, Vander; TAGNIN, Stella E.O. **Corpora no ensino de línguas estrangeiras**. São Paulo: Hub Editorial, 2010.

Editorial ● ● ● ● ● ● ● ● ● ●

Este quarto guia turístico do PROJETUR reflete um pouco do trabalho que desenvolvemos, com estudantes da rede municipal de Vitória, ao longo dos 11 anos de existência do projeto.

A expansão e o crescente destaque que a atividade turística veio ganhando em muitas regiões do Brasil ao longo dos anos, gerando empregos, renda e fomentando um papel cultural importante para a sociedade, foi um dos motivos para o nascimento do Projeto Educacional Turismo Escolar – PROJETUR.

As atividades turísticas, para obterem êxito, necessitam de um trabalho de conscientização social sobre a relevância e os benefícios que trazem ao país, estado ou município. Foi com esse propósito, somado à necessidade de oferecer alternativas educacionais para alunos da rede municipal de ensino de Vitória, no período em que não estivessem em aula, retirando-os de situações de vulnerabilidade, que foi proposto o PROJETUR.

A ideia de se trabalhar com os alunos o referido tema fundamentou-se na oficina de turismo promovida pela EMBRATUR e Prefeitura Municipal de Vitória – ES, em 1999, que visava atender ao Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT).

A condução dos trabalhos segue a linha da pedagogia de projetos, na qual o estudante é o agente do próprio conhecimento, utilizando para tanto a educação por múltiplos meios, uma estratégia que possibilita a aprendizagem em moldes diferentes da situação tradicional da sala de aula.

Dessa forma, oferece lugar, pela combinação de diferentes recursos de comunicação, à criação de um novo ambiente de aprendizagem, com a utilização dos laboratórios de informática para pesquisas na internet e a realização de atividades, proporcionando assim a inclusão digital. Também são realizadas oficinas de arte, comunicação e fotografia, língua estrangeira (inglês e espanhol), intercâmbio cultural com escolas de outros países e visita aos pontos turísticos.

O PROJETUR trabalha nesse universo de linguagens múltiplas, ampliando o conhecimento, a percepção, a integração, a inclusão e, sobretudo, a formação da cidadania.

As atividades relacionadas ao turismo proporcionam aos estudantes da rede municipal a oportunidade de conhecer o grande número de empregos diretos e indiretos gerados e uma opção de trabalho no futuro, além de oferecer a oportunidade de conhecer e divulgar as potencialidades naturais e a diversidade cultural de nossa terra e nossa gente, através das línguas materna e estrangeiras.

O projeto possibilita ainda o despertar no aluno e na aluna, a cidadania e a autoestima, para que possa, antes mesmo de ofertar um produto ou um serviço turístico, ter amor por aquilo que é como indivíduo e como parte de uma sociedade.

Como fruto deste trabalho foram produzidos guias turísticos a exemplo dos três intitulados: "Vem que Vitória tem!", "Vitória, história tem... vem fazer a sua

também!" e "Na Rota do Sol e da Moqueca... sol e moqueca não podem faltar! Venha ao Espírito Santo, para delícias provar!".

Parabéns e nossos agradecimentos pela participação direta e indireta no desenvolvimento deste trabalho.

Jurema Tonini
Coordenadora do Projetur



Editorial ● ● ● ● ● ● ● ● ● ●

This fourth PROJETUR tourist guide reflects a little of the work we developed with students of the municipal educational system of Vitoria throughout the 11 years of the project's existence.

The tourist activity expansion and the increasing importance that it gained in many regions of Brazil over the years (generating jobs and income and promoting culture) were some of the reasons for creating the *Projeto Educacional Turismo Escolar* (School Tourism Educational Project) PROJETUR.

In order to be successful, tourist activities require efforts to raise social awareness of their importance and benefits to the country, state or municipality. For this purpose, added to the need of offering educational alternatives for students of the Public Educational System of Vitória during their free time – to keep them out of vulnerable situations – PROJETUR was created.

The idea of working with students on tourist activities was based on the tourism workshop promoted

by EMBRATUR (Brazilian Tourism Institute) and Vitoria City Government, ES, in 1999. The workshop aimed at meeting the requirements of the Brazilian National Program of Tourism Municipalization (PNMT).

Projects are carried out following a pedagogical line, in which students use multimedia education to be their own knowledge brokers. This strategy allows learning in formats which are different from those of the traditional classroom setting.

Thus, PROJETUR provides space for creating a new learning environment combining different communication resources such as computer laboratories for internet research and other activities, promoting digital inclusion. Workshops of arts, communication and photography, and foreign languages (English and Spanish) are also carried out. Cultural exchange programs with schools in other countries and visits to tourist spots are performed as well.

PROJETUR operates in this universe of multiple languages,

broadening knowledge, perception, integration, inclusion and, above all, citizenship.

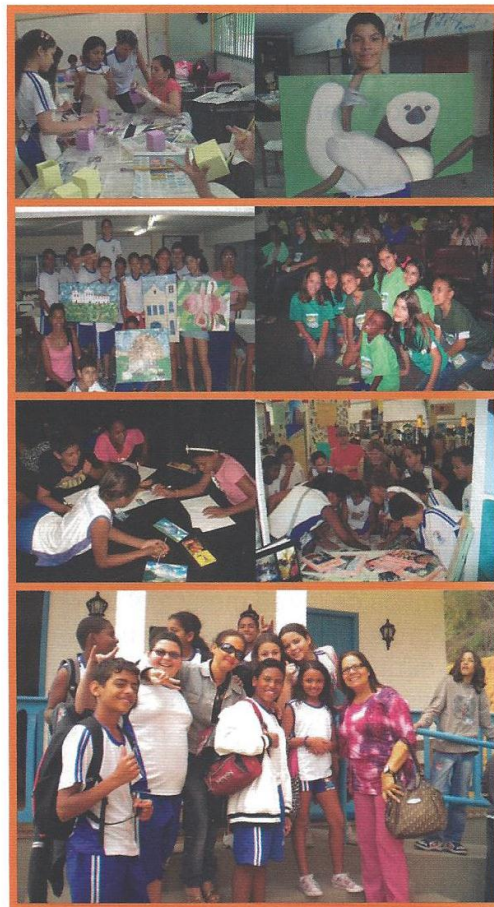
Tourist activities provide Public Municipal Educational System students with the opportunity to learn about the large number of direct and indirect jobs generated and potential career options in this field. Moreover, participants get to know the natural resources and cultural diversity of our land and our people, and use mother tongue and foreign languages to spread what they have learned.

In addition, the project enables students to improve their citizenship and self-esteem so that they can love who they are as individuals and as part of a society, even before offering a tourist product or service.

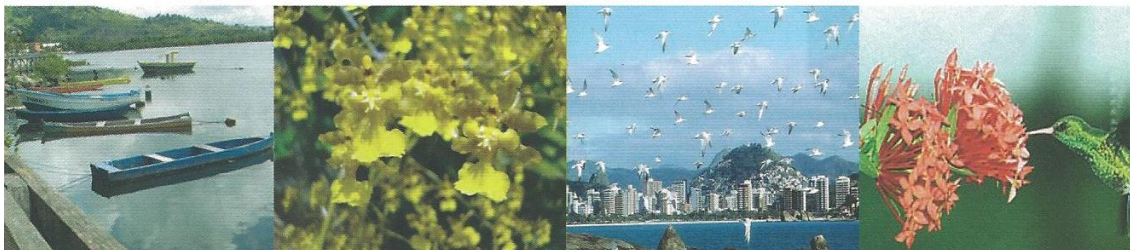
This Project resulted in travel guides such as “Vem que Vitória tem!”, “Vitória, história tem... vem fazer a sua também!”, and “Na Rota do sol e da Moqueca... Sol e moqueca não podem faltar! Venha ao Espírito Santo, para delícias provar!” (Not available in English).

Congratulations and thank you for the direct or indirect participation in the development of this project.

Jurema Tonini
Projetur coordinator



Espírito Santo.



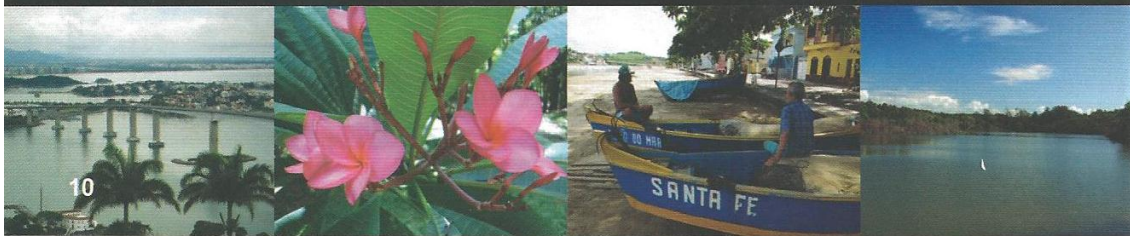
Nosso estado está localizado na Região Sudeste. Sua área é de 46.184,1 km², limitando-se ao norte com o estado da Bahia, a leste com o Oceano Atlântico, ao sul com o estado do Rio de Janeiro e a oeste com o estado de Minas Gerais. Possui duas regiões naturais distintas: o litoral, que se estende por 400 km, e o planalto. Seu clima é tropical úmido, com temperaturas médias anuais de 23°.

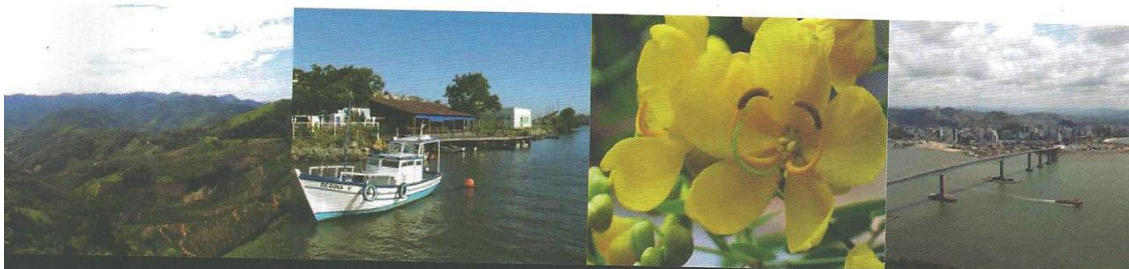
Com sua grande extensão (944 km), o Rio Doce que nasce no estado de Minas Gerais e chega ao Espírito Santo, é o mais importante do estado. Podemos destacar também os rios São Mateus, Itaúna, Itapemirim, Jucu, Mucuri e Itabapoana.

Somos contemplados por uma maravilhosa floresta tropical e vegetação litorânea. Nossa colonização é diversificada: portugueses, holandeses, alemães e italianos. A economia é baseada na agricultura e industrialização. Também podemos citar a extração mineral, especialmente das reservas de petróleo, gás natural e calcário.

As belezas estão em toda parte! Indo para o norte ou para o sul, e subindo as montanhas, podemos degustar vinhos, licores, biscoitos caseiros e massas em propriedades de agroturismo e apreciar lindos cenários!

A música local tem origem indígena e africana (o Congo, mais





na região metropolitana do Estado) e o Ticumbi (no norte, na cidade de São Mateus). Na região das montanhas, encontramos as tradicionais danças folclóricas de descendência europeia.

Se você gosta de viver momentos de aventura, venha praticar esportes radicais como rapel, rafting e voo livre.

Quanto às festas, temos o conhecido e divertido Festival de Música de Alegre, Festival de Inverno de Domingos Martins, Festival Internacional do Vinho e as festas religiosas como a Festa da Penha e os Passos de Anchieta.

O estado é muito procurado pelos empreendedores e é uma

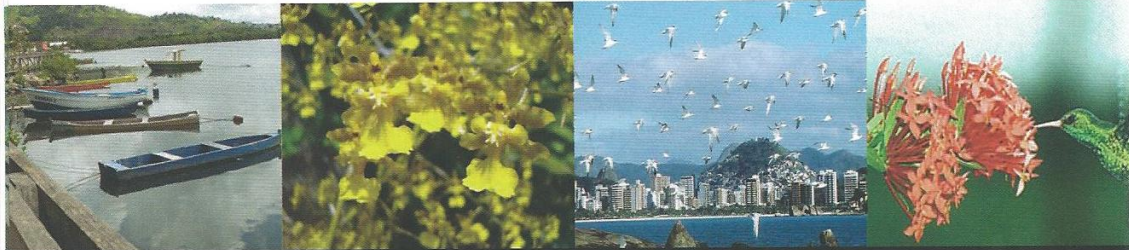
alternativa para o turismo de negócios, estando o seu crescimento industrial acima da média nacional. Destacam-se os empreendimentos, principalmente, na área de petróleo e gás.

Próximo das principais metrópoles do país, o Espírito Santo também é atração para turistas de lazer e eventos provenientes de São Paulo, Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Texto coletivo produzido pelos alunos da EMEF Éber Louzada Zippinotti.



Espírito Santo.



Our state is located in the southeast region of Brazil. Its area is 46.184,1 km², and it is bordered by the State of Bahia in the north, the Atlantic Ocean in the east, the State of Rio de Janeiro in the south, and the State of Minas Gerais in the west. There are two distinct natural areas: the coastline, which stretches for 400 Km, and the plateau. The climate is humid tropical, with average annual temperatures of 23° Celsius.

With its all 944Km, *Rio Doce* (Doce river), which starts in the State of Minas Gerais and flows to Espírito Santo, is the most important one in the state. We can also highlight other rivers such as São Mateus, Itaúna, Itapemirim, Jucu, Mucuri, and Itabapoana.

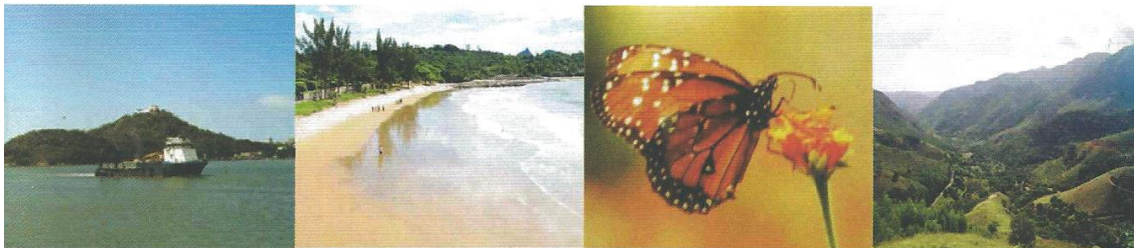
We are gifted with a wonderful tropical forest and costal vegetation. Our colonization is diverse: Portuguese, Dutch, German and Italian. The economy is based on agriculture and industry, as well as mineral extraction, mainly from oil, natural gas, and limestone reserves.

Beauty is everywhere! Going north, south or going up the mountains, we can appreciate the scenarios and taste wines, liqueurs, homemade cookies and pasta in agritourism properties.

The local music is of African and indigenous origin (Congo, in the metropolitan area of the state) and Ticumbi (in the northern cities of Conceição da barra and São



12



Mateus). In the mountainous area, we can find traditional folk dance originally brought from Europe.

If you like to experience adventurous moments, come practice extreme sports such as rappelling, rafting, and hang-gliding.

As far as festivals are concerned, we have the famous and amusing Alegre Musical Festival, Domingos Martins Winter Festival, the Wine International Festival, and religious festivals such as *Festa da Penha* and *Passos de Anchieta*.

The state attracts many investors. One of the alternatives

is business tourism, since its industrial growth stands out the Brazilian average, which is mainly led by undertakings in the oil and gas field.

Because it is near the most important cities in the country, Espírito Santo is also an attraction for tourists and business travelers from São Paulo, Bahia, Minas Gerais and Rio de Janeiro.

Collaborative text written by students of the Public Municipal Primary School Éber Louzada Zippinotti.



VITÓRIA

Vitória é uma ilha situada no Espírito Santo repleta de paisagens naturais, belos manguezais e muitas praias. Uma delas é a famosa Praia de Camburi, a única na área continental. Possui 6 km de extensão, foi reurbanizada, e a ela estão ligados os bairros de Jardim Camburi, Jardim da Penha e Mata da Praia.

Sendo Vitória uma ilha, não poderíamos deixar de falar de outras praias como a Ilha do Boi, um belo recanto natural de águas tranquilas e claras. E para completar temos a Curva da Jurema, com faixa de areia extensa e aonde são encontrados muitos quiosques e petiscos da culinária capixaba.

Mas falar em culinária nos lembra a Associação das Paneleiras, que está situada no bairro Goiabeiras. É lá que

são produzidas as autênticas panelas de barro, uma tradição com mais de 400 anos.

O manguezal cumpre seu papel de importância, pois é de onde são retirados os ingredientes tanto para o preparo da moqueca capixaba, quanto para a fabricação das panelas com barro de batinga e a tintura tanino.

Quando algumas pessoas lembram de comida, logo bate na cabeça o consumo, e consumo lembra nosso querido Mercado Capixaba, inaugurado em 1926 em estilo neoclássico. Lá podem ser encontrados artesanato em argila, palha e bambu entre muitas outras coisas.

Texto coletivo produzido pelos alunos da EMEF EV UFES.





VITÓRIA, NOSSA ILHA DO MEL

Em 1535 vários portugueses desembarcaram de suas caravelas no Espírito Santo e encontraram uma bela ilha, com grande extensão de terra, entre o mar e o manguezal. Vitória foi fundada no dia 8 de setembro de 1551 e é uma das capitais mais antigas do país. Essa ilha reúne passado, presente e futuro no mesmo cenário.

Aqui podem ser encontrados belos manguezais, parques, praças, jardins e restaurantes que oferecem a Moqueca e a Torta Capixaba, que são as principais referências gastronômicas da cidade. As praias são tranquilas e acolhedoras e convidam para um passeio ao entardecer.

Vitória é uma cidade moderna, organizada e dinâmica e conta com uma rede hoteleira diversificada. Venha conhecer essa delícia de ilha!

VITÓRIA

Vitória, capital city of Espírito Santo, is an island full of natural landscapes such as beautiful swamps and many beaches. One of them is the famous Camburi beach, even though it is located in the continental area, it belongs to Vitoria. This 6-kilometer long beach, which has been recently reurbanized, connects the neighborhoods of Jardim Camburi, Jardim da Penha and Mata da Praia.

Since Vitória is an island, we could not forget to mention other beaches nearby: *Ilha do Boi*, a beautiful spot of calm and clear waters; and *Curva da Jurema*, with a long sand strip where many kiosks sell typical *Capixaba* cuisine snacks.

When talking about cuisine, the Pot-makers Association comes to mind. Located in *Goiabeiras* neighborhood,

where the authentic clay pots are produced – a tradition of over 400 years.

The mangrove system plays an important role; it supplies the ingredients for preparing the Moqueca Capixaba and producing the pots – the Tabatinga clay and the tannin coloring.

When people think of food, they think of consumption, and consumption, reminds us of our beloved Capixaba Market, inaugurated in 1926 in neoclassical style. It is where clay, straw and bamboo craft pieces can be found, among other products.

Collaborative text written by students of Experimental Public Primary School of Vitória, UFES.





VITÓRIA, OUR ILHA DO MEL (HONEY ISLAND)

In 1535, many Portuguese disembarked from their caravels in Espírito Santo and found a beautiful island, with a great territorial extension between the sea and the mangrove area. Vitória was founded on September 8th, 1551 and it is one of the country's oldest capital cities. This island's scenario combines past, present, and future.

In Vitória, one can find beautiful mangroves, parks, squares, gardens, as well as restaurants that offer Moqueca and Torta Capixaba – the two main traditional dishes of the city. The beaches are calm and welcoming – an invitation for a walk in the evening.

Vitória is a modern, organized and dynamic city and it is supported by a diverse hotel network.

Come visit this delightful island!

KEYWORD IN CONTEXT DISPLAY Help / informat

714 TOKENS L - - - - 1 2 3 R

| CLICK FOR MORE CONTEXT | | <input type="checkbox"/> | [?] | SAVE LIST | CHOOSE LIST | ----- | CREATE NEW LIST | <input type="text"/> | [?] | | | | |
|------------------------|------|--------------------------|----------------|-----------|-------------|-------|--|----------------------|----------|-------------------|---------------|--|----------------------------------|
| 1 | 1990 | ACAD | AfricanArts | A | B | C | shrine in Ditera (xiddute) reserved specifically | for this purpose. | 12 | At | Mama | festivals | beer is offered to the cera |
| 2 | 2002 | MAG | PopMech | A | B | C | the chill or wearing quality of the iron and | for this purpose | a | bar | about | two inches square by five inches is | |
| 3 | 1993 | NEWS | SanFranChron | A | B | C | nondescript corporate apartments that are kept | for this purpose | and | decorated | in | a style reminiscent of a rental | |
| 4 | 1998 | FIC | Ploughshares | A | B | C | police on my cell phone ; which I bought | for this purpose | and | this purpose | exclusively | , since regardless c | |
| 5 | 1990 | ACAD | CanadaLaw | A | B | C | be directly segregated before making the calculation . | For this purpose | any | housing allowance | included | in the exemptio | |
| 6 | 1995 | MAG | Horticulture | A | B | C | it clear that the types of clematis to use | for this purpose | are | those which | flower | on their young wood in s | |
| 7 | 1999 | ACAD | Education | A | B | C | with 80.6% indicating the use of productivity software | for this purpose | at | least | weekly | . Other uses of word processing | |
| 8 | 2000 | ACAD | MichLawReview | A | B | C | myriad ties to his community , the most important | for this purpose | being | the | militia | . As Williams puts it : " The mi | |
| 9 | 1990 | NEWS | WashPost | A | B | C | housing units . Taxpayers ' monies have been budgeted | for this purpose | but | have | not | always | been spent . Last year , th |
| 10 | 2011 | NEWS | CSMonitor | A | B | C | Art 's Dune Tours , which has been licensed | for this purpose | by | the | National Park | Service . # Riding shotgun | |
| 11 | 2002 | ACAD | AgricResrch | A | B | C | this conversion will have to be built . Equipment | for this purpose | could | be | tested | at | the new Illinois pilot ethanol |
| 12 | 1999 | MAG | SkyTelescope | A | B | C | to the current Western calendar . Several modern tables | for this purpose | have | become | available | ; | and I have used these |
| 13 | 1999 | ACAD | Mercury | A | B | C | carbon production -- as a function of redshift . | For this purpose | it | used | a | population | synthesis code which follow |
| 14 | 1991 | ACAD | SportBehavior | A | B | C | . The reasons most often cited for taking drugs | for this purpose | included | not | disappointing | the | coach (more cor |
| 15 | 1991 | ACAD | EnergyJournal | A | B | C | 1989) . The use of purchasing power parities | for this purpose | is | superior | to | the | use of market exchange rates |
| 16 | 1990 | ACAD | SportBehavior | A | B | C | . # One such instrument that has been used | for this purpose | is | the | Arizona | State | University Observation Insti |
| 17 | 2002 | SPOK | CBS_SixtyII | A | B | C | credible , that money that is sent to us | for this purpose | is | used | for | that | purpose , and that women and c |
| 18 | 1998 | SPOK | NBC_Today | A | B | C | cooked the books or colluded with the United States | for this purpose | is | without | foundation | . LAUER : But it 's not just | |
| 19 | 1991 | ACAD | NaturalHist | A | B | C | a hypothetical skeleton from the hypothetical skull . | For this purpose | Munns | used | as | references | two of the largest ter |
| 20 | 1999 | ACAD | SchoolPsych | A | B | C | assumes that assessment techniques designed | for this purpose | must | focus | on | the | level of a child 's overall read |
| 21 | 2012 | ACAD | LanguageSpeech | A | B | C | degrees of impairment . Tests that are developed | for this purpose | must | provide | information | in | their manuals that |
| 22 | 2008 | ACAD | PhysicalEduc | A | B | C | of appropriate professional development courses | for this purpose | should | be | more | extensively | researched , as son |
| 23 | 2010 | ACAD | Education | A | B | C | discipline and control students . Verbal stimuli used | for this purpose | showed | that | the | behaviorist | approach was refle |
| 24 | 1990 | MAG | AmerArtist | A | B | C | choice might be one of the plastic laminates made | for this purpose | such | as | FomeCor | . These backing materials con | |
| 25 | 2008 | MAG | TechReview | A | B | C | onto the scene , ultrasound was used more routinely | for this purpose | than | it | is | today | . Ultrasound , though , presents |
| 26 | 1990 | ACAD | SchoolPsych | A | B | C | on RET . Today a number of curriculums exist | for this purpose | 0 | Bernard | 83 | Joyce , 1984 ; Knaus , 1974 ; Verr | |
| 27 | 1998 | ACAD | EarNoseThroat | A | B | C | such as Toynbee 's otoscope or a modified stethoscope | for this purpose | 0 | n7 | 0 | # Several authors have previously descri | |
| 28 | 1990 | MAG | Newsweek | A | B | C | ancient African scholars (he annexes Pharaonic Egypt | for this purpose | 0 | and | the | little-known | (to Americans) cultures c |

Lista com a expressão *For this purpose* gerada no COCA, em que vê-se 714 ocorrências para a expressão (Gerada em 30 de maio de 2013).

You can create and re-use three type of lists:

| | | | |
|-------------------------|---|-----------------|------------------|
| (Customized) word lists | Create any number of word lists (with any number of words in each list), and then re-use these lists as part of your queries. Also, create re-usable lists from search results. | ACCESS LISTS | MORE INFORMATION |
| | | LISTS TO CUSTOM | |

KEYWORD IN CONTEXT DISPLAY Help / information / contact

8 TOKENS L - - - - 1 2 3 R * RE-SORT

| CLICK FOR MORE CONTEXT | | <input type="checkbox"/> | [?] | SAVE LIST | CHOOSE LIST | ----- | CREATE NEW LIST | <input type="text"/> | [?] | | | | |
|------------------------|------|--------------------------|----------------|-----------|-------------|-------|--|----------------------|-----|------|--------|------------|--|
| 1 | 1995 | ACAD | AmerScholar | A | B | C | , since there was already a federally funded center | with this purpose | at | Ohio | State | University | . But ours was not to wonder why |
| 2 | 2012 | ACAD | LanguageSpeech | A | B | C | , then knowledge that the tests were developed | with this purpose | in | mind | and | include | data to support this use is critical for |
| 3 | 1997 | NEWS | SanFranChron | A | B | C | throughout our history have become citizens | with this purpose | in | mind | 0 | to | receive financial , medical and housing support from |
| 4 | 2012 | ACAD | LanguageSpeech | A | B | C | , then tests selected for use should be designed | with this purpose | in | mind | 0 | To | consider a test valid for identifying the severity |
| 5 | 2010 | ACAD | Education | A | B | C | and desire to learn English must be increased . | With this purpose | 0 | the | number | of | foreign language weekly lesson hours must be |
| 6 | 2000 | ACAD | MichLawReview | A | B | C | The butchers ' claims , having nothing to do | with this purpose | 0 | were | easily | dismissed | . # Now , most first-year |
| 7 | 2008 | SPOK | NBC_MeetPress | A | B | C | , my wife and I are leading a campaign | with this purpose | 0 | Also | 0 | I | think , the new president has to realize |
| 8 | 2004 | MAG | America | A | B | C | ; a " vocations program " is a program | with this purpose | 0 | From | one | point | of view , there is nothing wrong with |

Lista com a expressão *With this purpose* gerada no COCA, em que vê-se 8 ocorrências para a expressão (Gerada em 30 de maio de 2013).

You can create and re-use three type of lists:

| | |
|--------------------------------|--|
| (Customized) word lists | Create any number of word lists (with any number of words in each list), and then re-use these lists as part of yo queries. Also, create re-usable lists from search results . |
|--------------------------------|--|

KEYWORD IN CONTEXT DISPLAY

5 TOKENS

| | | | | | | | | |
|------------------------|--------------------------|------|---------------|-------------|-------|-----------------|--|-----|
| CLICK FOR MORE CONTEXT | <input type="checkbox"/> | [?] | SAVE LIST | CHOOSE LIST | ----- | CREATE NEW LIST | the utilization | [?] |
| 1 | 1997 | ACAD | GeographRev | A | B | C | cultivation has historically been associated with the utilization of marginal lands | |
| 2 | 2004 | ACAD | SportBehavior | A | B | C | imagery investigations confounded the results with the utilization of other intervent | |
| 3 | 2006 | MAG | USAToday | A | B | C | patients poorer-quality care than they could obtain with the utilization of private coverag | |
| 4 | 1995 | MAG | MotherEarth | A | B | C | are destructive to red blood cells and interfere with the utilization of vitamin E . It i | |
| 5 | 1993 | ACAD | MarineFish | A | B | C | , and GEORGE KUDO # # The authors are with the Utilization Research Division | |

Lista com a expressão *With the utilization* gerada no COCA, em que vê-se somente cinco ocorrências para a expressão (Gerada em 30 de maio de 2013).

Português ↔ Inglês

á à ã â é ê í ó õ ú ç

espertar

Exemplos de tradução de outras fontes para 'despertar'

| Português | Inglês |
|--|---|
| Às vezes usa o cansaço para que possamos compreender o valor do despertar . <small>↳ warriorofthelight.com</small> | At times he uses fatigue so that we can understand the value of waking up . <small>↳ warriorofthelight.com</small> |
| Devemos congratular-nos com este despertar da consciência democrática e com esta ampla participação popular. <small>↳ europarl.europa.eu</small> | We should be very pleased about this awakening of democratic awareness and about the broad popular turn-out. <small>↳ europarl.europa.eu</small> |
| O Corredor é o primeiro em seu gênero no mundo, e isso contribuiu para despertar o interesse internacional de políticos e cientistas. <small>↳ tierramerica.info</small> | This marine corridor is the first of its kinds in the world, and has awakened international interest among politicians and scientists. <small>↳ tierramerica.info</small> |
| No entanto, há o risco de, a breve trecho, eles terem um doloroso despertar . <small>↳ europarl.europa.eu</small> | They are in danger of having a rude awakening before too long, however. <small>↳ europarl.europa.eu</small> |
| Às vezes é preciso algum contraste no vinho para dar frescura, para o sabor despertar na boca ". <small>↳ cortesdecima.com</small> | Sometimes a bit of contrast in the wine is necessary to give freshness, and for the flavours to liven up the taste buds ". <small>↳ cortesdecima.com</small> |
| Visa despertar as consciências e tocar os corações. <small>↳ partenianet.net</small> | Its purpose is to awaken consciousness and touch hearts. <small>↳ partenianet.net</small> |
| Em síntese, a confirmação da importância da participação para uns(umas) e o despertar de uma consciência participativa para outros(as). <small>↳ ibase.org.br</small> | In summary, the confirmation of the importance of participation for some and the awakening of a participative awareness for others. <small>↳ ibase.org.br</small> |
| Julho é o segundo mês consecutivo em que as instituições que o montante de novos empréstimos, o que mostra que o mercado imobiliário começa a despertar . <small>↳ spainmo.com</small> | July is the second consecutive month in which the institutions raise the amount of new loans, which shows that the housing market begins to awaken . <small>↳ spainmo.com</small> |

Lista com traduções da palavra 'despertar', gerada no site Linguee (gerada em 3 de agosto de 2013).

x Search 75°F f t YouTube a | 100 livros clássicos para d...

Courses edX APA Citation Examples - ... Linguee Dicionário inglês... 100 livros clássicos para d...

CORPUS OF CONTEMPORARY AMERICAN ENGLISH

450 MILLION WORDS, 1990-2012 -- START -- ?

DISPLAY
 LIST CHART KWIC COMPARE

SEARCH STRING
 WORD(S)

COLLOCATES
 POS LIST

SECTIONS SHOW

| | | | |
|---|-----------|---|-----------|
| 1 | IGNORE | 2 | IGNORE |
| | SPOKEN | | SPOKEN |
| | FICTION | | FICTION |
| | MAGAZINE | | MAGAZINE |
| | NEWSPAPER | | NEWSPAPER |
| | ACADEMIC | | ACADEMIC |

DISPLAY / SORT
 DISPLAY

SORT

CLICK TO SEE OPTIONS
 # HITS FREQ KWIC

KEYWORD IN CONTEXT DISPLAY Help / informati

TOKENS

CLICK FOR MORE CONTEXT [?] 136976 CHOOSE LIST CREATE NEW LIST

0.230

Lista com a expressão *gastronomical references* gerada no COCA, em que vê-se nenhuma ocorrência para a expressão (Gerada em 03 de ago de 2013).